

ASSIGNATURAS		
ANNO	20\$000
SEMESTRE..	12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO

z

OFFICINAS

RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLIVPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O sr. Nilo Peçanha acaba de dar conta á Assembléa Legislativa do Estado do Rio, dos resultados da sua politica financeira, a mais brilhante justificação das medidas empregadas no patriotico intuito de fecundar as fontes de producção, de reerguer do abatimento as energias daquelle membro da União, em franco estado de falencia.

— Hoje posso — affirma o illustre estadista — trazer á Assembléa os seus resultados.

«Depois de onze annos de *deficits* successivos, pôde a Administração declarar que encerrou o balanço do anno findo com um saldo approximado de mil e quinhentos contos de réis. Todas as verbas de receita do orçamento tiveram augmento.

A não ser o café, cuja producção diminuiu, todos os demais generos de exportação do Estado alcançaram cifras jámais atingidas, desde a nossa existencia constitucional, até hoje. Em muitos, o augmento foi de mais de quinhentos por cento.

Em geral, os municipios encerraram os seus balanços com equilibrio; diversos encerraram-no com dinheiro em caixa.

Dentre as apolices dos Estados do Brazil que têm cotação official na Bolsa da Republica, são as do Rio de Janeiro as que têm, neste momento, mais alta cotação.»

Não necessitava de pôr mais na carta para demonstrar como venceu gloriosamente a crise complexa e formidavel que lhe embargava o passo, crise commercial, crise politica, crise monetaria, crise profissional, crise de trabalho, crise de transportes, crise de ensino, crise de salario, crise de moralidade, nitido reflexo da situação politica da Republica, propagando-se, como um contagio funesto, por todo o organismo politico, entregue a condu-

tores que não têm noção, mesmo vaga, do que seja administrar um paiz riquissimo, extenso e vasto.

O sr. Nilo Peçanha conseguiu isolar o seu Estado, começando pela medida essencial de prophylaxia, banindo a politicagem, esse implacavel oxido que tem deteriorado os apparatus da administração, a pretexto de lubrificá-los para bem servirem ás ambições das olygarchias, dos régulos locais, de toda essa capangagem de varia categoria, que é o sedimento decomposto dos interesses subalternos.

E, numa bella dissertação em que a pureza da forma põe em luminoso relevo a precisão dos conceitos, a rigorosa correcção das observações, penetrando a amago da situação financeira, dissecou o organismo deteriorado pela criminosa ineptia dos caixeiros das olygarchias, dos patrões de povos, dos feitores de cidadãos. Elle poz o dedo nas chagas, remontou ás causas da infecção e indicou, num movimento de largo descortino, o caminho ás reivindicações, ás réformas patrioticas.

O relatorio de que nos occupamos, saíu dos moldes enfezados de *fallas do throno*, dos *clichés* empregados pelos governadores de baixa craveira, os quaes sómente se pôdem abrigar na justificativa da irresponsabilidade — não terem pleno conhecimento do mal, nem directa intenção de o praticarem; homens previamente absolvidos pelo supremo tribunal da opinião por não saberem o que fazem. Não é uma licção a estes, mais uma demonstração scientifica e prática, que alcança muito mais alto, que chega, como poderosa projecção luminosa, ao pinaculo do edificio social, onde parece escassear o quinhão de oxigeneo para a nutrição daquelles que o grimpam, e revela os erros dos velhos processos desmoralizados, a inefficacia dos emperrados apparatus da rotina, que sempre desviou, que sempre estiolou as mais energicas iniciativas, os esforços mais promettedores.

O sr. presidente do Estado do Rio poz o problema em equação e o resolveu cabalmente. Remontou ás causas das perturbações economicas e applicou-lhes o remedio heroico. No terreno dos principios, indicou com precisão os erros das doutrinas contrarias; no terreno pratico, o vicio essencial dos processos e os substituiu por idéas e meios agóra victoriosamente defendidos pelo resultados, pela inexpugnavel eloquencia dos factos.

Contra a crise, os governos empregavam e empregam um remedio unico, a criação de novos impostos e augmento exaggerado das antigas taxas, gyrando, numa louca vertigem, no circulo vicioso em que, á medida que os impostos augmentavam, decresciam as rendas e, á medida que estas decresciam, augmentavam os impostos.

A prosperidade do Estado do Rio é, em summa, resultado da politica, para a generalidade dos sabichões indigenas, absurda:

Reducção sensivel e gradual dos impostos sobre a producção;

Reducção dos fretes de transporte;

Tributação do similar estrangeiro, substituindo a falta da protecção aduaneira.

O sr. Nilo Peçanha fez esse formidavel milagre com grande pasmo, com estupenda decepção de todos os S. Thomés da alta finança nacional.

* *

Para encarecer o valor dessa victoria, deve-se ponderar que o incansavel presidente do Estado do Rio trabalhou sempre sob a influencia funesta do máu-olhado dos invejosos, que eram muitos, e dos obstrutores inconscientes, que eram legião

Não faltou tambem, para destacar-lhe o merito da empreza, a má vontade do governo Federal, com a sua réde de chicanas fiscaes, embaraçando-lhe os movimentos, com a sua jurisprudencia de alicantinas cerceando-lhe direitos, como esse de explorar

as arêas monasticas em jazidas francamente situadas em territorio fluminense, para entregar essa magnifica fonte de renda á exploração de um adjudicatario feliz em troca de alguns contos de réis, como está succedendo em relação ao mesmo minerio nos depositos do littoral da Bahia.

Os metaes preciosos de que é composta essa arêa, o radium que ellas contêem seriam, nas mãos prôvidas do estadista fluminense, grandes elementos de prosperidade, auctorisando-o a diminuir uns 30 % dos impostos sobre os productos da agricultura, que elle, com muita razão, affirma: «que é tudo; é o eixo em torno do qual gira o mundo dos negocios; o centro de gravitação do systema financeiro, a força que acciona a engrenagem financeira e a retarda ou accelera, conforme o movimento da roda motriz.»

Accentúe-se, finalmente, *ad perpetuam*, o zelo do Banco da Republica na cobrança da divida daquelle Estado, quando é tão complacente, tão relaxado com a myriade de devedores graúdos, os deputados, os senadores, os jornalistas, os engrossadores, que alli vão á comédia, e cuja conta constitúe uma mysteriosa pagina da escripturação daquelle instituto mercantil, e monta, conforme a bisbilhotagem das más linguas, á bella somma de oitenta mil contos, não falando de outros desperdícios, de muitos escandalos que o vello banqueiro Porto denunciaria de maneira completa, se não esfriasse o seu enthusiasmo em meio do sensacional discurso proferido na assembléa geral dos desgraçados, dos interdictos, dos incapazes accionistas, submettidos á eternizada tutela do governo.

O sr. Nilo pagou, sob as buxas da intimação, que era um tiro engatilhado do alto, e a opinião publica corôou esse acto de hombridade com flôres que não custaram um ceutil aos cofres rotos, sem fundo, daquelle banco de má sina.

Mas... os representantes das gloriosas tradições do Estado do Rio não estão satisfeitos com o homem que lhes desmascarou a veneranda inepecia.

Depois de onze annos de marasmo, o Estado se ergueu com demasiado vigor, disposto a recuperar rapidamente as energias estioladas; é ur-

gente, é indispensavel amarrar-lhe as pernas para que não corra, applicar-lhe o calmante das salutareas papoulas do Catette, dar-lhe o contra vapor da *Junta do coice*, de nunca assás lembrada memoria, junta meritoria que tão assignalados serviços prestou durante o Imperio e deixon genuinos representantes no governo republicano, exercendo a previdente acção de puxar para traz. E é para restaurar a junta com os seus bois magros, as suas cangas sovadas; é para reivindicar os direitos da velha olygarchia de recavem, que a politicagem se assanha para quebrar o prestigio do sr. Nilo, para lhe castigar a audacia de ser um recalitrante á vontade soberana do supremo eleitor do presidente da Republica para o futuro quatriennio, empreza que se antolha, como nuvem carregada de ameaças, nos horisontes da politica.

E' o caso de queimarmos a Santa Barbara os nossos alecrins e pallhinhas bentas.

* * *

O relatorio do honrado presidente do Estado do Rio é, além de tudo, uma intuitiva licção, indicando o abandono definitivo dos medalhões, cujo menor defeito, fechando olhos caridosos aos vícios de esthetica, é a lamentavel, a obsecada, a encascorada incompetencia.

POJUCAN.

CREPUSCULO DOS DEUSES

Nestes ultimos dias, chegou de Lisbôa, editado pela livraria de A. M. Teixeira, um volume de contos allemães, que o sr. João Ribeiro traduziu com o titulo de *Crepusculo dos Deuses*. O traductor, que imprimiu a essa tarefa todo o seu sentimento de ambos os idiomas, dá, em notas que fecham o livro, noticia dos contos e dos seus auctores. Póde-se, desde já, adeantar que nessa litteratura, sem premeditações de *theses*, quasi inoffensiva portanto, o publico não encontrará coisas sublimes, nem maravilhas de pensamento: encontrará *contos*, cheios de uma doce ironia bemfaseja, de que é excelente modelo a *Tragedia de Romulo*, de Ernest Lenbach, pseudonymo de E. Muelenbach, que transcrevemos, como recommendação, como melhor processo de impor o livro. O sr. João Ribeiro diz que tomou «a liberdade de traduzir os nomes proprios; do contrario, seria inintelligivel a historia.»

A TRAGEDIA DE ROMULO AUGUTULO

Não é nenhuma gloria nacional a modesta *Sociedade litteraria* da cidade allemã de Campo Verde. Della não saú até hoje um Schiller, um Uhland

ou siquer um Freytag; e se é verdade (como assoalham alguns rapazes) que a litteratura allemã váe hoje por agua abaixo, dahi, de Campo Verde não se ha de esperar o Messias. Sem embargo, porém, chegou um certo membro da *Sociedade litteraria* a dar na vista como homem de lettras, e, o que é mais de espantar entre intellectuaes, como homem de negocios. Refiro-me a Romeu Aquario, o auctor da *Tragedia de Romulo*, a qual, em verdade, elle nunca escreveu.

Era Romeu Aquario fillo de um mercador de vinhos e de uma comica que até o casamento andára, e nos primeiros papeis, por todos os theatrinhos da Allemanha. Do pae tirou algumas manhas de negociante, e da mãe é que houve o nome poetico com que foi á pia e tambem certa quédia para o gosto tragico. E ao saír da casa bancaria (onde com mesquinho salario servia aos interesses do commercio universal) logo á noite se aboletava no quartinho onde morava, fervia a chicara de chá e temperava as salchichas do costume, com o adubo de alguns passos mais fortes de Schiller ou dos dramas de Shakespeare. Esses auctores estavam em exemplares já muito sovados da conhecida «Bibliotheca universal» de Reclam, e fôram-lhe, largos annos, o unico alimento espirital. Por fim, amadureceu-lhe no espirito a idéa que esses dois grandes genios com terem chegado á perfeição não haviam acaso esgotado os cabedades da tragedia e, quem sabe? delles talvez seria Romeu Aquario o grande continuador e epigono de vulto.

Tanto que acertou nesse proposito, começou com ordem e methodo a pesquisar um assumpto. Folheiou a memoria e logo se recordou que desde os tempos da escola nada conhecera de mais tragico e lamentoso que a quédia gigantea do imperio romano do occidente. Ainda guardava uns riscos dessa narrativas em velhas apostillas que antigo mestre lhe havia dictado em linguagem e tiradas do historiador Gibbon; era rascunho ou historia do ultimo imperador, joven, quasi menino, Romulo Augustulo, que reunia em si os nomes dos fundadores da grande nação e a quem o conquistador barbaro poupára a vida e as honras só porque o acliára formoso: *quia pulcher erat*. Romeu Aquario mal apenas releu essa historia, traçou o plano da *Tragedia de Romulo*. Esta é que havia de ser a grande obra litteraria da sua vida. E, em verdade, o foi.

Ao primeiro furor do estro, começou a rabiscar ás tontas as folhas do seu velho livro de contas (onde as paginas da esquerda estavam em branco, tirada a linha unica do magro ordenado).

Viu, entretanto, que lhe faltavam ainda alguns estudos preliminares.

Travou amisade com um jovèn professor e vinham ambos todos os sabados á noite á mesa e ao copo numa cervejaria. Era este um grande e féro recrutador da *Sociedade litteraria* e logo se apercebendo da falta que alli havia de um dramaturgo, soube comunicar o entusiasmo proprio e assim empurrou o nosso Romeu para aquelle gremio das lettras.

* * *

A *Sociedade litteraria* precisava de *quorum*. Naquella epocha, não teria por ahí duas duzias de socios: uns, poucos, eram mestres de escola, os mais dividiam o tempo entre o serviço das musas e a tenda de seccos e molhados. Ajuntavam-se uma vez na semana em sala de hospedaria fumarenta e ali liam labores poeticos, entre copos de cerveja e juizos criticos espumantes.

No mez, porém, escolhia-se um dia para a *Grinalda*, com o accrescimento de danças e madamas. Uma vez por outra, havia discurso e já se sabe a materia e o trivial dos themas: «*Sobre o influxo do grande Frederico na litteratura allemã*». — «*De que modo ha de o poeta obrar educativamente sobre o povo*». — «*O assumpto erotico é coisa que a poesia possa escusar?*» — «*Da utilidade pratica da arte do verso*».

O mais fecundo e illustre individuo do gremio era o sr. Augusto Vinheiro, homem já entrado em annos e que tinha mesquinho emprego na mesa de rendas, socio honorario de todas as associações da cidade nas quaes era o poeta de occasião. A sua sabença universal contraía-se numa especialidade, que era o *necrologio* dos conterraneos.

Não havia escapar-lhe quem quer que o minimo beneficio fizesse á terra, e só com fugir-lhe, annos antes da morte, poder-se-ia lograr a benemerencia do silencio daquelle homem facundo.

Os seus necrologios, já passantes de duzentos, (e escriptos em certo genero que o auctor denominava *sonetos*) viram a luz na typographia da folha local, sob o titulo CAMPO-SANTO DE CORÔAS IMMORTAES DA PATRIA. Como poeta e poeta impresso que o era, gosava de especial consideração entre consocios e patricios.

Depois deste, havia um ajudante ou decurião de escola, que pelas cercanias silvestres colhia as flôres da poesia popular e as compunha em ramaletes e disticos, pondo-lhes sempre um fecho moral, e nesse vicio se espojava havia annos. Uma das suas *estrophes* dizia assim:

Subi ao alto do oiteiro
De lá olhei para o mar
E vi num barco velleiro
Tres condes a conversar.

E tambem:

Viajante não vês da terra
A virgem, que está na serra?
Sorrindo, ella os vê passar
Os condes a conversar...

A chave, que é da invenção do poeta, contém, como de costume, uma advertencia moral importante:

Leitor, ou grande ou pequeno,
Aprende que o mal de amor
Vem de flôr...
Mas póde trazer veneno.

Do que, porém, havia mais abundancia no gremio, era do sagrado lyrisimo, pelo menos sete a oito dos individuos da sociedade possuíam exemplares do *Livro das cantigas*, de H. Heine, e faziam por onde imitalas. Um velho guarda-do-matto, poeta fossil que se havia crystallizado no periodo plioceno dos ultimos romanticsos, de tempos a tempos vinha grave, diluviano, edentado, a recitar velharias poeticas onde cães gozos ladravam ao longe e se pintavam payzagens de arvoredos rumorosos, fontes tranquilladas e longes de folhagem molle e adormecida.

O que faltava, pois, alli era o homem forte do drama. Romeu Aquario trazia o encanto da novidade. Eil-o, pois, a excavar quanto livro de historia lhe deparava o amigo. Nesse labutar acotevellavam-se tantas notas de episodios, escorchavam-se e entremettiam-se tantas datas e reflexões, que de entupido, ao cabo não podia o homem escrever nada. Se reunisse quanto havia já rabiscado e lançado ao papel, teria já um drama de mais volume que a Biblia, ainda que nesta se incluire toda a materia apocrypha.

Nesse entretempo, crescia e voava ingente a fama do poeta. Os socios do gremio litterario desvendavam ás esposas e amigas a historia do drama que ignoradamente se fazia e já as mulheres começavam de notar como era o poeta amavel e sympathico. Começaram os convites para as reuniões familiares, e para as ceias de mais pratos das festas intimas — festas que a doce cabeça sonhadora do futuro Schiller, com os seus bigodes arqueados e a voz musical cheia de poetico arroubo, enchia de luz, e isso aprazia ao coração das raparigas. Tambem não se ausentava Romeu Aquario desses saráus sem comunicar ás damas o episodio da amorosa escrava germanica que se abraça ao pescoço do bello e joven imperador Romulo e, com elle, corre á morte no quinto acto.

Por esta epocha, (grande acontecimento para a cidade de Campo Verde) um casal de principes noivos mimoseou a cidade com uma visita de duas horas, de caminho para o castello senhorial onde deviam passar a lua de mel. A princeza era parenta do grão senhor da terra e foi, pois, o prazer grande e a recepção festiva: saudações

poeticas na gazeta local de Augusto Vinheiro, arcos de triumpho, intendentes de preto e donzellas de branco, exhibição de todas as associações e, entre ellas, naturalmente da *Sociedade litteraria*. Repartiu sorrisos gentilmente a princeza, e o principe, em uniforme de *ussar*, concedeu a graça de alguns cumprimentos á medida que o prefeito lhe ía apontando e dando informes previos e cautelosos sobre as maravilhas da terra.

— Ah! litteratura! (disse o principe para Romeu, que ía á frente do seu grupo) é coisa que deve ser prezada e amada. Já ouvi fallar de vós como dramaturgo. Tragedia.. Romulos. E com certeza tambem Romus. Assumpto grandioso, este de Romulo.

E a esses ditos ajuntou por seu lado a princeza o gracioso sorriso, tão doce que fez tremer de gozo ao poeta, desde os olhos cabisbaixos aos altivos e erguidos joanetes.

Na relação da festa, na folha de Campo Verde saíu a noticia e foi lembrado com justiça o episodio: «Ao nosso talentoso conterraneo o sr. Romeu Aquario, dignou-se sua alteza dizer algumas palavras discreteando sobre o sujeito dramatico *A Tragedia de Romulo*, na qual trabalha presentemente o poeta; sua alteza fez algumas reflexões de rara finura assim sobre o facto historico como sobre as leis da technica dramatica». O redactor de uma importante folha de fóra, na secção das provincias, annunciou o facto, notando com justiça como digno de menção o phenomeno de um poeta dramatico em Campo Verde e transcreveu a noticia. Dahi, correu toda a imprensa, e o doce nome de Romeu echoou tão longe quanto sôa a lingua allemã.

A consequencia foi que o editor de um almanaque bibliographico litterario pediu para a provincia algumas informações e obteve-as; e eil-o, o nosso poeta no anno seguinte biographado. Romeu comprou o almanaque e leu uma vez, leu cem vezes os dizeres appostos: *dramaturgo; relevantemente na tragedia historica*. Agóra, estava escripto e em letra redonda; convenceu-se e poz mãos á obra. Deixou crescer os cabellos, compoz os bigodes e a barba de bico como era o córte da que usava Shakespeare e entrou a empanzinhar as gavetas de maçãs podres (tal o fazia Schiller) e entrou a malsinar a escripturação mercantil.

O redactor da gazeta de Campo Verde pediu-lhe um trecho da grande obra inédita. Não se aterrou o auctor da *Tragedia de Romulo* com a empreza e revendo antigos rabiscos do empoeirado diario das despezas, concertou a primeira — ah! até hoje a unica — scena, que logo appareceu no domingo alegremente em todas as mesas do café da manhã dos cidadãos de Campo

Verde. Esses deliciosos versos quem os não conhece, na pacata cidade? Começa assim:

(*Alvores de madrugada. Camara no imperial palacio de Ravenna. Pelas janellas, larga vista sobre o mar. Ao longe vê-se a trirreme do imperador deslizar vagarosa, tendo no mastro as insignias imperiaes. Odoacro fita a trirreme e sorri*).

ODOACRO

Eil-o por terra jaz o imperio dos romanos;
Durou, ao que se diz, uns setecentos annos
E mais cincoenta e tres (e reflectam bem
Fallo da duração anterior a Christo)!

O ultimo imperador este Romulo Augusto
Vencido foi por mim! mas só raspou o susto,
A vida lhe poupei, a vida e os honorarios;
Deixei-lhe mesa e cama e outros extraordinarios.

Venci com fidalguia e generosamente...
Eil-o que ao longe vae na trirreme esplendente
Para o cabo Myseno, á quinta de Lucullo...
Imperador no exilio e pouco mais que
Agóra mando eu no profano ou no sacro,
Eu, o potente Rei dos Hérulos, Odoacro,
O' lá, escravo!

Um escravo, trazendo sobre um prato de ouro uma amphora de Falerno. Odoacro bebe. Depois, examinando attentamente:

Tu!

Oh como espantado fico
Pois tu não és Frederico?

THEODORICO

De Campo Verde vim eu...
Nessa terra prazenteira
Amei a bella peixeira
Que me o destino esconden!

(*soluça e chora*)

etc.

Esta scena agradou universalmente; mas onde feriu melhor o exito foi exactamente naquillo que o auctor titula em vistas. Não foi sem proposito que alli metterá a saudade do escravo germano pelos louros anneis da peixeira de Campo Verde. Não se tratava de méra phantasia, como a de Thecla ou outra figura jovial de Schiller. Não! a peixeira vivia, vivia, sim, trintona e sã, e magnifica, e outra não era que a senhorinha Hulda Cambito, filha do mais rico mercador de peixe de Campo Verde. Não se agastou a mocetona com a allusão poetica e antes quando veio a si do encantamento, mandou ao poeta uma cesta de maçãs do horto paterno—fructas que numa das *Grinaldas* da Sociedade lh'o disséra, ao poeta sabiam tão bem como a Schiller. Romeu não tardou em responder em epistola repassada de saudades e adorações, e de tal arte se fôram as coisas apertando que um dia o velho Cambito achou que bem ou mal convinha abençoar aquillo. Poz, comtudo, uma condição: Romeu havia de se despedir da escripturação mercantil (o que, de resto, odiava) e

entrar como socio para o negocio do peixe.

Acquiesceu o poeta e sem tardança, e não teve que arrepender-se da troca. Ao carinho doce, admirativo e amoroso da esposa e ao contacto nutriente dos salmões, arenques e robalos, foi-se-lhe arredondando o tegumento que no adiposo e no polido ía como a lua crescente. Não afogou a vida, porém, na grosseria e interesse do merceeiro. Como dantes, e agóra, de mão commum com a esposa, renovou planos, traças e variantes. Para ambos era a *Tragedia de Romulo* um como armario onde em mil gavetas e escaninhos se punham aqui ou alli a graciosa allusão ou o delicado remoque ás pessôas conhecidas, conforme o gráu de benemerencia dellas. Aos freguezes cabiam as acções heroicas e generosas; estavam reservados, porém, aos concorrentes do peixeiro os papéis da feia intriga, e os episodios onde não faltavam bem escolhidas atrocidades para caracterisal-os. Com essas praticas innocuas e baratas, viviam os dois esposos horas felizes. E nem do povo foi esquecido Romeu Aquario; a gloria continuou, e resplandeceu com o seu drama, luminosa estrella do futuro no firmamento poetico de Campo Verde. A *Sociedade litteraria* fel-o seu presidente na morte de Augusto Vinheiro (triste acontecimento quando este perfazia, entre festas, o quingentesimo soneto necrológico) e como tal creou e espalhou pelas villas e aldeias das provincias a liga da *Philocarmina* para ennobrecer e fomentar a maltratada poesia nacional. Quando um forasteiro acaso vinha bater a Campo Verde, entre as grandes coisas e pessôas da terra lhe nomeavam Romeu Aquario, presidente e director de litteratura.

Assim aconteceu a um jornalista que para uma folha de Berlim escreveu uns *Quadros provincianos*. Estava o pobre homem já ás portas do desespero com doze horas de pousio na cidade, sem descobrir materia por mais réles, para o folhetim; senão quando ouve fallar na *Tragedia de Romulo* e no auctor que fazia parte da honrada firma commercial Cambito & Aquario. Foi quanto bastou. Em duas horas, á luz mortiça da hospedaria, arranjou um folhetim com a veia da phantasia mais solta, e o humor pessimista, satyrico e poetico que aquelle phenomeno litterario estava a pedir. Pintou solitaria taverna para onde arrastou o dramaturgo de Campo Verde, e entre pescadinhas de bogalho estúpido e vidrado e garrafas meias vasiadas, attribuiu ao poeta ditos picantes e profundos sobre a litteratura moderna e paradoxos que para dizer por conta propria estava a aguardar o inverno proximo. Bellissimo, o folhetim; apenas a carencia de informações

fel-o commetter o erro grosseiro de dar por publicada a inédita *Tragedia de Romulo*. A grande circulação da folha semeou esse erro por cem mil almas curiosas e assim cresceu e assim se arraigou e com tal força que um auctor de certa *Historia da litteratura* escreveu estas palavras no começo de não sei que capitulo:

«Não ficára maninho nem esteril, por essa epocha, o campo do drama propriamente historico» (e aqui uma lista de nomes, longa como um trem de ferro, tendo como locomotiva e á frente o nome de Wildenbruch). «Longe do commercio do mundo, e antes num recanto da provincia, entre affazeres mercantis, escrevia Romeu Aquario, em Campo Verde, a sua *Tragedia de Romulo*, de grande tomo e executada com a ampla intuição da historia universal».

Erro grave! nada escrevera Romeu e foi isso, comtudo, a sua fortuna.

Os campos-verdenses nunca lhe exigiram mais que planos e esboços, rascunhos e bosquejos. E isto lhe deu mulher rica e sombra do louro. Ninguém lhe contestou, jámais, a gloria; só uma vóz amiga e doce, ás vezes, o interrompia quando caído, absorto, sobre os papéis velhos...

—Vem, Romeu, deixa essa eterna tragedia! Vem jantar, que já estão frias as batatas...

JOÃO RIBEIRO.

SCIENCIA E INDUSTRIA

O serum anti-canceroso do dr. Doyen. — Relatorio absolutamente desfavoravel da Sociedade de Cirurgia.

Nesta secção, tratámos detidamente das pesquisas do famoso cirurgião Doyen, que descobrira o microbio do cancer, ao qual déra o nome de *neoformans*, e a consequente fabricação do serum curativo da terrivel enfermidade.

Sobre a descoberta do microbio, concordaram os notaveis especialistas do Instituto Pasteur, como ficou patente em uma carta de Metchnikoff, que foi por nós transcripta.

Sobre a efficacia do serum, havia duvidas, ou não eram as experiencias sufficientes para consagral-o, produzindo, todavia, reacções saltares e melhoras que os competentes attribuíam á operação cirurgica com que Doyen auxiliava o curativo, extirpando os tecidos doentes.

A comissão composta dos doutores Berga, Kirmisson, Ch. Monod, Nelaton e Pierre Delbet, apresentou, na sessão de 12 de julho ultimo, o relatorio anciosamente esperado por um

publico de profissionaes, fóra do commum.

O relatório foi absolutamente desfavoravel ao serum Doyen.

Depois de recordar o historico da formação da commissão, nomeada a 14 de dezembro de 1904 em consequencia do Congresso de Cirurgia, Delbet declarou que deixaria de lado a questão microbiologica submettida ao Instituto Pasteur, para tratar sómente de parte chimica, dos resultados verificados nos doentes submettidos ao tratamento serum-therapico.

O relatório concerne a vinte e seis casos ou observações, compreendendo todos os doentes tratados na clinica particular do dr. Doyen, examinados pela commissão, diversas vezes, de 20 de janeiro a 30 de junho ultimo.

Sobre 26 casos, 20 pareceram aggravados; 2 ficaram estacionados; 3 fóram considerados sem utilidade em consequencia de exame incompleto e um apenas não deu logar a nenhuma reincidencia depois de quatro annos e meio.

Trez doentes tratados com o serum Doyen, na clinica Rothschild ou no hospital Laennec, não apresentaram, depois de melhora passageiras, nenhum symptoma de cura e necessitaram da intervenção cirurgica. As melhora fóram apparentes e poderiam ser obtidas com qualquer outro serum.

Durante cinco mezes e meio, a commissão não verificou caso algum de cura certa e pensa que o dr. Doyen, como muitos inventores, tomou os seus desejos como realidade.

Não sendo membro da Sociedade de Cirurgia o dr. Doyen, foi condemnado á revelia; mas affirma um dos seus assistentes que tendo communicado a sua descoberta ao Congresso de Cirurgia, para este appellará na sua proxima reunião no mez de outubro.

O dr. Doyen apresentará os seus doentes que o dr. Delbet encontrou em lastimoso estado: será a melhor resposta ao relatório.

Si este é exacto, todos esses doentes terão, certamente, morrido antes de 1º de outubro. A questão reside em saber o numero dos sobreviventes e seu estado e si concluindo, em relação a elles, de modo tão pessimista, o dr. Delbet não incorreu no defeito attribuindo ao dr. Doyen, tomando os seus desejos como realidade.

* *

Um apparelho construido pelos doutores Robin e Binet, destinado ao exame clinico das trocas respiratorias.

O dr. Robin apresentou á Academia de Medicina de Pariz, um engenhoso apparelho construido com a collaboração de Binet, destinado ao exame clinico das trocas respiratorias.

Com esse apparelho, todas as phases da respiração pódem ser analysadas e, graças ás differenças assim accusadas entre a respiração normal e a de um doente, Robin e Binet fizeram verificações muito uteis; puderam estudar o papel da alimentação nos tuberculosos. Sabe-se que a tuberculose exaggera as trocas respiratorias; toda a medicação ou alimentação que produzir effeitos contrarios serão bem applicados ao tratamento. O apparelho demonstra que a carne crúa prodúz esse resultado quando é absorvida na dóse de 100 a 150 grammas por dia. Com dóses de 400 a 500 grammas, ha, pelo contrario, um augmento de 25 a 30 % nas trocas respiratorias. Outro alimento, a gelatina, na dóse de 30 grammas, prodúz uma demora muito sensivel na marcha da molestia e as experiencias, feitas em Beaujou, deram sobre a materia excellentes resultados.

O dr. Robin examinou, pelo mesmo processo, a acção dos medicamentos de base arsenical e achou que, administrados em fraca quantidade, 5 centig., prodúzem effeito salutar, ao passo que, dobrando a dóse, se regista um perigoso augmento respiratorio.

* *

Novo processo de anesthesia pela via subcutanea e estomachal — Experiences do doutor Gréhant em cães.

O professor Gréhant fez, na mesma sessão, uma interessante leitura sobre a anesthesia completa pela via subcutanea e estomachal.

Injectou, ao principio, na pelle de cães um centigramma de chloridrato de morphina por kilo; ao cabo de meia hora, com o auxillo de uma sonda esophagica, introduziu no estomago uma solução de chloroformio a 10 %, na dóse que prodúz a embriaguez. Em um cão, pezando 10 kilos, fóram empregados 500 centimetros cubicos de nma solução alcoolica contendo 2 1/2 centimetros cubicos de chloroformio. Meia hora depois, a anesthesia é absolutamente completa, e dura, como um somno profundo, durante horas.

O dr. Gréhant propõe applicar ao homem esse processo de anesthesiar, que offerece a vantagem, nos grandes traumatismos e, em particular, nas queimaduras estensas, de supprimir a dôr pela introducção no sangue venoso de uma pequena dóse de chloroformio.

Vendem-se collecções, ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e do primeiro semestre de 1905.

As officinas dos *Annaes*, dispondo de um material completamente novo e moderno, encarrega-se de todo trabalho typographico.

A ARMADA NACIONAL

O primeiro feito da nossa armada em que figuraram navios a vapor — As instituições inutilizando os homens...

Por isso que, para deante, com mais minucia, serão estudados, em seus detalhes, os varios ramos do estabelecimento naval, continuamos a nos não deter, senão só de passagem nos occuparemos com as refórmulas que com o tempo fóram surgindo e com os impulsos dados pelo governo do Imperio em pról do engrandecimento da armada nacional.

Assim, tinhamos já chlegado ao advento, quasi definitivo, entre nós, do vapor, empregado como motor nos navios de guerra, o que aqui, como anteriormente em quasi todo o mundo, levantou um espirito de resistencia, aferrado á rotina e á tradição. E, nos limitando ao que ficou dito sobre a marinha nos primeiros annos do segundo reinado, vimos rapidamente alcançar a campanha contra Rosas.

A nossa esquadra nella tomou parte bloqueando Montevidéo e a costa do Uruguay, ficando então Oribe impossibilitado de receber recurso de Buenos-Ayres.

Montevidéo viu-se livre do prolongado sitio em que o tinha este chefe, derrotado pelo exercito imperial, e a armada brasileira pôde assim transpostar a divisão do general Marques de Souza, mais tarde conde de Porto Alegre, afim de fazer junccção com o exercito de Urquiza.

A nossa esquadra era, então, comandada pelo bravo Pascoe Greenfell, e, no passo do Tonelero, teve de enfrentar uma bateria de 16 peças, que fóra assestada no barranco.

A divisão brasileira gallhardamente transpoz esse passo difficil, sustentando, durante uma hora, o fogo inimigo, e mais uma vez ficava provada a bravura dos nossos marinheiros.

A passagem de Tonelero foi o primeiro feito da nossa armada em que figuraram navios a vapor, e logo como elemento primordial. Esse facto fez desaparecer as ultimas resistencias contra elles, e, em 1852, já o ministro Tosta, posteriormente barão de Muritiba, aconselhava a que se augmentasse o numero de embarcações a vapor, na nossa esquadra.

Victorioso contra Rosas, cujo tyrannico poder sossobron na batalha de Monte Caseros, sendo, já antes, responsavel pela soberania do Uruguay; presas as demais republicas sul-americanas de luctas intestinas, continuava o Brazil a manter, e lhe era facil, a supremacia naval na America do Sul, da qual a pedra de toque era a estação, em Montevidéo, duma divisão relativamente forte.

Em 1850, decretava-se um plano de reorganisação do material fluctuante, plano racional e que nos faria senhores duma bôa esquadra. Até ahi, tudo quanto se havia feito para augmentar o nosso poder naval, o fôra conforme as necessidades exigiam, quando se manifestavam. Nenhuma orientação segura predominára nas administrações para aquisição do material, o que muitas vezes a urgencia das circumstancias não permitia. A introdução dos navios a vapor fizera-se morosamente, sem estudo e attendendo-se, não as necessidades da marinha de guerra, mas sim as da correspondencia do governo e fiscalisação das costas.

Foi assim que, antes da guerra cisplatina, não tínhamos esquadra para operar efficaçmente no estuario do Prata; depois della, constituimos uma esquadra para operar ahi; se fôssemos atacados no mar, por um inimigo que nos levasse para o oceano, nossa força seria fraca; foi assim que, mais tarde, passada a campanha do Paraguay, houve um prurido de construcção de canhoneiras para rio; é assim que, hoje, surge a difficuldade do Acre e logo se faz a encomenda de canhoneiras typo Melik.

Mas, voltemos a 1850.

Dir-se-ia, ao ser decretado aquelle plano, que iriamos entrar num periodo franco de engrandecimento; que, estudadas as condições estrategicas a que devia satisfazer a nossa esquadra, ir-se-ia organizar para o Brazil uma marinha de guerra que lhe satisfizesse as necessidades. O plano era effectivamente bom.

Mas — desillusão! — já no anno seguinte o mesmo ministro que o decretára, pedia lhe fôssem feitas modificações. Afinal «aquelle ambicioso plano, porém, como todos os programmas posteriormente traçados para augmento da nossa força naval, nunca saíu do dominio burocratico para a realidade, e o mesmo ministro Vieira Tosta, depois barão e Muritiba, que o formulou, já no anno seguinte, em seu relatório, indicava a conveniencia de modifical-o (1).

A proposito desse plano, diz o sr. visconde de Ouro Preto: «No anno de 1850, decretou-se um plano de reorganisação da marinha de guerra, que figurou apenas na colleção das leis, não tendo sido nunca executado. Erro deploravel; uma esquadra regular sómente se consegue lenta e laboriosamente. A conveniencia ou velleidade de momento, fazia indifferentemente assentar no estaleiro a quilha de um navio, e indicava-lhe a classe, as dimensões, o armamento e mais condições nauticas ou bellicas. Do mesmo modo, se se preferia ou era mistér adquiril-o já prompto, tomava-se não o que pudesse satisfazer o fim proposto,

mas sim o que mais se approximassem, o que houvesse de menos máu.»

A caça aos negreiros que, renitentes, continuavam no trafico dos africanos, fornecia ainda a nossos officiaes uma excellente escola nautica, um largo tirocinio do mar, que as viagens longas ao estrangeiro, então creadas, vi-nham auxiliar.

Continuava-se a aquisição de unidades, sem orientação, repetimos, e essa aquisição veio patentear a necessidade de concluir o dique que, havia trinta annos, (!) se escavava. Oito annos depois de mandadas activar as obras, estava terminado.

Por essa epocha mais ou menos, creava-se uma escola pratica de artilharia, da qual diz o sr. visconde de Ouro Preto: «Para as praças do corpo de imperiaes marinheiros e do batalhão naval, existia uma escola pratica, apenas no nome, porque nunca dispoz de uma linha de tiro.»

Deve ser aqui também notado o facto da introdução da helice como propulsor nos navios de guerra, devida á iniciativa do, mais tarde, almirante visconde de Lamare. Apareceu em quatro corvetas mandadas construir na Inglaterra, e foi também applicada em diversos navios cuja construcção começava no arsenal do Rio.

O espaço comprehendido entre 1850 e 1860, foi de bastante animação para os nossos arsenaes, que pareciam melhorar. Porém, quando o trabalho devia ser um pouco mais aperfeiçoado, era máu o resultado. Os operarios e mestres eram primitivos ainda, e nada mais se podia exigir.

Em dezembro de 1854, o governo imperial, no intuito de estabelecer facéis communicações para a provincia de Matto Grosso, problema sempre debatido e que, só agóra, após 15 annos de Republica, parece ter entrado em caminho de resolução, desejou que o rio Paraguay lhe fôsse aberto á livre navegação e ao transito de qualquer força naval, vantagem de que já gozavam outros estados e a que o Brazil tinha direito como senhor de grande trecho do curso superior desse rio.

Para negociar um tratado que, ao mesmo tempo que puzesse fim á questão de limites com aquella Republica, lhe trouxesse tal regalia, fez-se seguir naquella epocha o chefe de esquadra Pedro Ferreira de Oliveira á testa de uma força naval que se compunha de 10 navios a vapor e 9 a vela.

O dictador Lopez, pae, exigiu, como preliminar, que essa esquadra se retirasse das aguas paraguayas, afim de entrar em negociações. E, de facto, para Assumpção subiu aquelle chefe unicamente com a canhoneira *Ypiranga*.

As negociações entabuladas deram logar á convenção provisoria assignada na capital do Paraguay e que não

foi ratificada pelo governo imperial, que apresentou, entre outros, como motivo, não lhe satisfazerem os limites impostos pelo dictador paraguay ao transito de embarcações de guerra.

As relações com a visinha Republica, por essa epocha, se não eram de molde a denunciar um rompimento mais ou menos immediato, não eram, comtudo, das mais amigaveis e tiveram seu maximo de tensão em 1857

Neste anno, ainda só ante o novo perigo que surgia, o governo imperial, tendo consciencia da falta de uma flotilha que defendesse as longinquas fronteiras fluviaes de Matto Grosso, que tão culposamente abandonára, a despeito de innumerados avisos, pediu e obteve do Parlamento, auctorisação para mandar construir dez canhoneiras apropriadas a operações fluviaes.

A crise conjurou-se, porém, e, ainda uma vez, os acontecimentos suppriam a inercia dos nossos administradores: a marinha de guerra lucrava alguns navios.

No anno de 1858, na Camara dos deputados, o representante de Matto Grosso, Corrêa do Couto, analysando o caso, que julgava provavel, de guerra com o Paraguay, dizia: — «Estou convencido que se se dêsse agóra o caso de guerra do Paraguay, além da provincia não estar preparada, o governo se veria embaraçado em mandar para alli o que ainda lhe falta, pois que nada está preparado na provincia, nem para transportes». O ministro da Marinha de então, José Antonio Saraiva, respondia: — «Temos esperança de que a paz continúe!» Como era bem ministro da Marinha, e bem estadista brasileiro!

O general Albino de Carvalho, em seus relatorios, pouco depois, chamava energicamente a attenção do governo para o abandono de Matto Grosso. Mas, havia a esperança de que a paz continuasse!

E diz o almirante Jaceguay: — «A passageira leva de broques que determinára a construcção de dez canhoneiras no anno de 1857, na imminencia de um rompimento com o Paraguay, seguiu-se um periodo de culposa despreoccupação dos poderes publicos pelo incremento do nosso poder naval, do qual a nação só veio a aperceber-se por occasião das *affrontosas represalias* praticadas no anno de 1862, em *nossas aguas territoriaes*, por dois vasos de guerra da marinha ingleza, represalias que patentearam, da maneira *mais humilhante*, como os nossos portos mais importantes e a marinha mercante nacional *estavam inteiramente indefezos contra a mais fraca aggressão externa*». (O gripho é nosso).

Effectivamente, assim era, e o visconde de Ouro Preto, a proposito desta mesma questão Christie, assim escreve: «A despeito do patriotico,

movimento da opinião, que *concitára o governo a cuidar, mais seriamente do que até então fizera*, dos aprestos militares, que não despreza nenhum povo prudente, sem embargo da nobilissima reacção do espirito publico, determinada por violencias recentes de alguns navios inglezes, que, obedecendo ás ordens tresloucadas do ministro Christie, *violaram a soberania nacional em nossas aguas territoriaes*, executando injustas represalias por suppositos agravos, cuja inexistencia depois reconheceu o proprio governo britanico, dando condignas satisfações.» (*O grifho é nosso*).

Paladinos da marinha de outr'ora, que é desse poder naval, cuidadosamente creado pelos estadistas do Imperio; que é dessa esquadra que collocava o Brazil entre as grandes potencias navaes, e que, no entanto, deixava, na phrase a mais não ser insuspeita do sr. visconde de Ouro Preto, «violarse a soberania nacional em nossas aguas territoriaes»?!

Que mais que isso fez o governo que deixou se occupasse a Trindade e deu ensejo á tragedia do Amapá?!

Quando chorais a marinha de outr'ora, por ventura vos refiris ao periodo de 1870 a 1889?! Lá chegaremos tambem. Simplesmente, então, não houve um Christie que quizesse pôr em prova o nosso poder naval; se o houvesse, as mesmas humilhações ser-nos-iam impostas. Veremos.

Estudando mais ou menos esse periodo, diz o almirante Jaceguay: «Nos progressos que se haviam operado durante o decennio anterior, na construcção dos navios de guerra, uma evolução se havia dado, da qual não participára a nossa marinha: a dos navios a vapor dotados de machinas poderosas, capazes de imprimirem as maiores velocidades então attingiveis. Nunca passáramos de navios mixtos de pequena velocidade...»

«A construcção do encouraçado *Brazil* representou, pois, um salto no nosso andar rotineiro; salto que, com certeza, não se teria tentado se a guerra civil, que se feria então nos Estados Unidos, não tivesse offerecido o espectáculo das proezas do encouraçado *Merrimac* em Hampton Roads.»

Cabe aqui, e a proposito do estado indefeizo dos nossos portos então, a que se refere o almirante Jaceguay, salientar que, poucas nações no mundo, terão feito pela defeza dos portos das suas colonias o que Portugal fez pela dos do Brazil. Raro era o porto da nossa costa, em que não existiam fortificações estabelecidas pelos portuguezes. Entretanto, todas fôram abandonadas, desmantelaram-se, e innumerous canhões abandonados sobre muralhas derrocadas, ainda hoje attestam o esforço de Portugal para tornar defensavel efficazmente a sua

melhor colonia. E não nos referimos só aos portos de importancia, mas até mesmo a portos como Macahé, Ilhéos e outros. No mesmo livro dos srs. almirante Jaceguay e capitão tenente Vidal de Oliveira, que vimos citando, na parte por este ultimo escripta encontra-se um largo trecho referente ao assumpto.

Passado que foi o incidente Christie, em que a nação se sentiu tão duramente humilhada, diz ainda o sr. visconde de Ouro Preto: «apezar desses precedentes que nos deviam pôr de sobre-aviso, *recaíramos na antiga inercia e voltáramos ao habitual desleixo* no tocante ao exercito e á armada». O sr. almirante Jaceguay escreve: «A explosão fugaz do amor proprio nacional offendido, a que deu logar o vexatorio incidente, com relação á nossa *impotencia* naval, não teve outro effeito, a não ser o da iniciativa de promover-se no paiz um subscripção para com o seu producto occorrer-se á construcção de vasos de guerra».

E, assim, chegavamos ao anno de 1864, em que o paiz se viu a braços com a guerra contra o Uruguay e, logo em seguida, contra o Paraguay tremenda lição que o governo imperial ia receber, lucta na qual só conquistámos a victoria pela inspiração desesperada e providencial de Barroso em Riachuelo e pelas brilhantes qualidades tacticas de Ozorio em Tuyuty.

Analysemos, agóra, o pé do poder militar naval do Brazil, ao surgir no horizonte politico essa terrivel borrasca que foi a guerra do Paraguay Nada de novo escreveremos; para esse estudo, bastar-nos-á lançar mão de tres publicações de auctorizados escriptores, cujos nomes dispensam os nossos elogios: *A marinha de outr'ora*, do sr. visconde de Ouro Preto, e *Quatro seculos de actividade maritima e Ensaio sobre a genesis e desenvolvimento da marinha brasileira*, ambos dos srs. almirante Arthur de Jaceguay e capitão-tenente Vidal de Oliveira Freitas.

* *

O ministro da Marinha, em 1860, Francisco Xavier Paes Barreto, em seu relatório ás Camaras, dizia:—«Os recursos ordinarios do orçamento mal chegam para a conservação dos navios que possuímos e construcção de alguns pequenos navios, destinados a substituir os que se vão inutilizando e que são indispensaveis ao serviço e policia dos nossos portos e costa. Entretanto, ninguem desconhece a necessidade que sente a nossa armada de algumas fragatas e corvetas de primeira ordem do systema mixto». O sr. almirante Jaceguay, transcrevendo este trecho, acrescenta:—«*Mutatis mutandis* eram esses os termos da synthese que fa-

ziam todos os ministros do segundo reinado, do estado da nossa marinha; nenhum delles, a não ser sob a pressão de guerra externa, tendo sabido resolver o problema de transformar em marinha de guerra, a marinha de policia costeira e fluvial, que consumia o orçamento votado annualmente; isso pela razão de que nenhum delles elevou-se pela intelligencia á altura de comprehender que, verificada a necessidade de uma marinha de guerra, etc.»

Pensamos de inteiro accordo com o sr. almirante Jaceguay. E, entretanto, é força convir que, posteriormente, geriram a pasta da marinha, ministros que, se não fôsse a esteril lucta de partidos que foi o governo monarchico, nascidos antes de tradições conservadas nas familias, de luctas de interesses nas provincias, nos municipios, do que na conquista de qualquer medida de alcance politico, de alguma inspiração nacional; ministros, diziamos, que, se não fôsse aquelle choque perpetuo de partidos que lhes tirava a estabilidade na pasta, muito teriam feito pela marinha; tel-a-iam talvez transformado, ter-se-iam, talvez, «elevado pela intelligencia, etc.», e, entre estes, citamos, auctorizados pelo que fizeram e pelas tradições deixadas, os srs. viscondes de Lamare e Ouro Preto e os conselheiros Andrade Pinto e Alfredo Chaves; os primeiros, ministros menos de dois annos; os ultimos, menos de um.

Demais, diz-se, a pasta da marinha era, naquella epocha, uma pasta de aprendizagem!

E, hoje, que os ministros téem diante de si quatro annos, que de incompetentes téem gerido a armada!

Pobre marinha! Quando alguns dos teus directores podiam elevar-te, não tinham elles tempo de o fazer; hoje, o tempo lhes sobra e falta-lhes o valor para tanto. Lá, as instituições inutilizando os homens; aqui, os homens pervertendo as instituições.

TONELEIRO.

(Continúa).

(I) A. Jaceguay e Vidal de Oliveira, *Ensaio sobre a genesis e desenvolvimento da marinha brasileira*.

MEU CARO REDACTOR.—O meu ultimo artigo, publicado no numero 42 dos *Annaes*, de 3 do corrente, saíu com alguns erros, graças á adoravel calligraphia com que delicio os revisores e a quantidade de emendas com que bordo os meus originaes, na invencivel preguiça de os passar a limpo.

Assim é que, em um dos paragraphos finaes, se encontra um maldito *concepção* no sentido de *nascimento* e que, pela estructura da phrase, o *gestação*, que lá está, dir-se-ia empregado significando justamente *concepção*.

Ora, esse é um grave erro, sobretudo para quem fez por dever do officio (é o meu caso) da biologia, a sua especialidade.

Contudo, não foi esse o que mais me irritou, mas sim aquelle *multissimo intelligente*, já nas ultimas linhas do artigo. Não que esteja mal applicado; simplesmente, porém, a palavra intelligencia faz suppor vivo raciocinio e facilidade de conceber (cá está bem empregado) e manifestar idéas. Ora, justamente a auctoridade a quem me referia só tem lentas, tardas decisões, e isto desde o tempo em que, com 30 annos, conselheiro já, illuminava a armada, segundo os seus biographos, com assombrosos pareceres sobre as questões mais palpitantes.

E', por certo, intelligente, muito intelligente mesmo essa auctoridade; mas porque o profundo estudo que dedica a qualquer assumpto faça desaparecer quasi o trabalho do seu grande talento, caber-lhe-ia muito melhor o *multissimo studioso* que devia estar no original. E' justamente esse profundo estudo que torna demoradas as suas decisões; mas, ellas são sempre as melhores e as mais sensatas. Interrogado de chofre sobre qualquer ponto, ella, de certo, se furtará a emittir opinião e assim seguindo o exemplo do immortal estadista portuguez Alves Pacheco, com o qual tem muitos pontos de contacto, nunca errará para felicidade da armada, que vive na ancia de ver surgirem as suas luminosas e esclarecedoras palavras. Seu, etc., *Tonelero*.

PUBLICAMOS, em seguida, a ultima parte do artigo do sr. Gastão Bonnier, a *Resurreição da geração espontanea*, cujo começo se deu á publicidade no numero 42 dos *Annaes*.

A RESURREIÇÃO DA GERAÇÃO ESPONTANEA

Como quer que fôsse, Hæckel desenvolveu, com ardor, a necessidade da geração espontanea absoluta, pelo menos em uma certa epocha da evolução do Globo, quando a agua se formára na sua superficie e elle achou verosimil que a creação de sêres vivos, *moneras*, possa reproduzir-se todos os dias. Não aduziu, infelizmente, prova alguma, e a sua argumentação repousa unicamente sobre as deducções acima indicadas, absolutamente insufficientes para apoiar a theoria proposta.

Para precisar essa hypothese, é preferivel citar um discipulo e admirador de Pasteur, o qual professa, sob outra fórma, as idéas de Hæckel. Eis como se exprime Le Dantec:

«Não havia agua sobre a Terra, mas ella existe: logo, appareceu; não havia substancias plasticas, mas existe substancia plastica: logo, a vida elementar appareceu...

«Não nos admiramos da apparição d'agua porque sabemos reproduzir nos laboratorios a sua synthese; mas não sabemos ainda reproduzir a synthese das substancias plasticas, nem mesmo lhes conhecemos a composição chimica. Em outros termos: no actual estado das coisas, assistimos todos os dias á vida elementar manifestada, mas não a apparição da vida elementar.»

O auctor suppõe, então, como Hæckel, que, num certo momento, a vida

appareceu sob a fórma dos mais simples sêres vivos, as *moneras*, simples cellulas sem nucleo, minusculas parcelas de materia viva.

Le Dantec diz mais adeante: «Em summa, nós temos certeza de que a vida elementar appareceu.» E pelas phrases seguintes, dá a entender: appareceu sobre a Terra.» Não vejo porque estejamos certos disso. O impulso de Hæckel ou o raciocinio pelo absurdo de Le Dantec não são persuasivos. E porque afirmar a todo o transe que os sêres vivos tenham a sua origem no Globo terrestre? Isto importa em encarar as coisas de um ponto de vista muito restricto, e o panspermismo ancestral de William Thomson é mais satisfactorio para o espirito.

Um transporte contínuo se realisa entre os planetas pelos meteoritos que podem conter germens, porque são apenas esterilizados na superficie pela passagem através da atmosphaera. Não será razoavel admittir que, chegada a um certo momento de desenvolvimento, quando se resfriou na superficie, tendo desenvolvida a agua e uma atmosphaera, a Terra, como os outros astros, se tornasse propicia ao desenvolvimento dos germens? O planeta poderia, então, começar a cobrir-se desse *bolor* formado pelo complexo dos sêres vivos. E a ensemantação inter-astral continuou, dando sempre novos pontos de partida á formação dos organismos, que provêem sempre de organismos preexistentes.

Poder-se-á dizer: Isso importa em retrotrair o problema da origem dos sêres vivos.

Certo, isso importa retrotrair-o como se pôde fazer em relação á origem da materia ou á origem do espaço. A eternidade da substancia viva é, tambem, admissivel, e parece estranha concepção pretender que provenha da Terra tudo quanto está sobre ella, não considerando que os bolidos formaram sobre o nosso Globo importantes depositos.

Além disso, a prova do facto não é impossivel, procurando examinar o interior dos meteoritos quando acabam de cair sobre o Globo, sobretudo os que encerram carbono. E se essa suposição plausivel se pudesse provar, a questão da geração espontanea teria apenas interesse secundario.

* *

Mas, voltemos ao problema como foi proposto.

Ao lado da hypothese de uma creação espontanea, em dado momento, da primeira cellula viva, citaremos, apenas como recordação, uma theoria que teve a sua hora de voga. Oken havia, antes que qualquer outro, supposto existir no fundo dos mares uma substancia viva, mais ou menos ho-

mogenea, tendo nascido espontaneamente, em determinada epocha da historia da Terra e da qual deveram sair todos os sêres vivos, que appareceram sobre o nosso globo. Huxley, examinando um deposito argiloso do fundo dos mares, julgou encontrar, realmente, esse pae commum dos organismos, o qual ainda hoje existiria. Denominou *bathybius* a essa substancia semi-fluida, viscosa e sem fórma definida. Nada, porém, de preciso, accresceu a essa observação vaga, e o *bathybius* teve a mesma sorte das substancias hemiorganicas, que Frémy imaginára nas objecções ás experiencias de Pasteur.

Como lembrámos acima, os consideraveis progressos das investigações modernas na arte de colorir substancias vivas para lhes destacar, ao microscopio, as diversas partes, deram a conhecer nas cellulas, outr'ora consideradas elemento primordial, uma structura de extrema complexidade.

Não se poderia, portanto, questionar a proveniencia de um certo organismo de uma pura combinação chimica dos elementos que elle contém ou de suppor-o extraído de um *bathybius* qualquer. No estado actual dos nossos conhecimentos, é tão difficil de conceber a apparição espontanea de uma cellula, como a de um sêre vivo completo.

Verificada a presença de nucleo em quasi todas as *moneras* procuraram encontrar fórmulas primitivas nas cellulas sem nucleo de outros sêres inferiores — algas azues, bacterias; mas recentes investigações provam que as cellulas desses sêres são tambem muito diferenciadas em sua substancia intima. A existencia do nucleo acaba de ser verificada nas algas azues e o estudo minucioso das bacterias revelou nellas uma complicação nuclear, que se não suspeitava. Além disso, a organização da substancia viva de todas as cellulas se mostra, si bem que de maneira imperfeita, admiravelmente complicada.

A substancia viva geral ou protoplasma pôde apresentar o aspecto reticular, alveolar, fibrilario, granular. Altmann e outros consideram, mesmo, os granulos protoplasmicos como as unicas partes vivas da substancia. Quanto á materia que forma o nucleo, parte essencial da cellula viva, ella é muito mais complexa e apresenta, no momento da divisão de uma cellula em duas, aspectos successivos variados, cuja successão é sempre quasi identica a todas as cellulas dos animais e dos vegetaes, manifestando-se sempre a existencia de granulos vivos dotados de propriedades especiaes.

Foi-se mais longe, nas hypotheses relativas ás parcelas que formam a materia viva; chegou-se a suppor que todas as partes de uma cellula são

constituídas por elementos extremamente pequenos e capazes de se multiplicarem por si mesmos; esses elementos aos quaes se deu, de maneira geral, o nome de *micelles*, seriam células da cellula, elementos dos elementos. A theoria cellullar foi substituída pela micellar.

Isto importa volver, por diverso caminho, ás celebres moléculas orgánicas de Buffon. Mas as cellulas, na maioria dos casos, são visíveis, ao passo que as moléculas orgánicas, as verdadeiras *micelles* não se vêem: são ultra microscópicas, preciosa vantagem para combinal-as no espirito da maneira mais favoravel.

Qual é o principal argumento em favor da realidade das *micelles*? E' o facto notavel, ao qual alludimos acima — a existencia de microbios invisíveis. Para citar apenas um exemplo, perfeitamente estudado em sua propagação depois dos processos de Pasteur, diremos uma palavra acerca desse organismo, tão pequeno que a sua fórma escapa a qualquer microscopio e que, entretanto, é capaz de matar um boi — a bacteria da peripneumonia bovina.

Si extrairmos uma gotta da serosidade colhida nos pulmões de um boi affectado de peripneumonia e a sementarmos em um caldo de cultura, obtem-se um liquido apenas differente do caldo esteril e puro, capaz de inocular a molestia. Tudo, em uma palavra, se passa como si se operasse com a cultura de um organismo visível ao microscopico e que se desenvolvesse no caldo, caso que se reproduz quanto á maior parte dos microbios infecciosos. E' verdade que, por um novo dispositivo dos apparelhos microscopicos, pôde-se entrever, no caldo alterado pela bacteria da peripneumonia, pequenos pontos brilhantes e moveis, cuja fórma fôra impossivel distinguir.

Si fôsse possivel distinguil-a, si se visse alguma coisa, esse organismo infimo não teria mais interesse para a theoria micellar.

E' um erro affirmar que os sêres são muito simples porque são muito pequenos. Um cogumello gigantesco, como o *bovista gigantea*, é de organização muito mais simples do que um desses pequenos insectos que apenas se distinguem quando correm sobre uma folha de papel. Ha cellulas enormes, visíveis a olho nú, cuja structura é menos complicada do que a de outras cellulas muito menores.

Porque seriam esses microbios invisíveis *micelles* ou compostos de *micelles*? Nada o prova e pôde-se citar o facto seguinte em favor da opinião contraria. O sr. Gallaud descobriu recentemente cogumellos que apresentam suctores formados de ramificações dividindo-se em ramos cada vez mais finos. Quando se examinam esses su-

ctores arborescentes, subsiste em toda a periphéria uma massa, na apparencia cheia de flócos, formadas pelos ramusculos ainda mais delicados, porque estes apparecem mais numerosos á medida que se augmenta a imagem ao microscopio, sendo que, em definitiva, não se pôde ver, mesmo com o mais forte augmento, a terminação dos ramusculos. A parte visível dessa ramificação possúe, em geral, a mesma organização; seja grosso ou extremamente fino o ramo, é sempre materia viva cercada por uma membrana de cellulose; a arborescencia inteira, que é a expansão de uma cellula ordinaria, é constituída do mesmo modo. Essas terminações de fibramentos ramificados, tão tenues que são invisíveis, não são por isso *micelles*; são tão complicados quanto o resto de cellula de que fazem parte, caso que faz pensar no microcosmo de Goethe.

Não nos estenderemos longamente sobre a theoria micellar sinão para dizer que tentaram empregal-a para apoiar uma resurreição da geração espontanea.

O argumento typico é tirado da curiosa descoberta do platino colloidal. Quando se mergulham n'agua duas varinhas de platina e se faz passar entre ellas o arco electrico, finas particulas de platina se destacam e ficam suspensas n'agua em estado colloidal. E, como o liquido, que contém essas particulas ultra-microscópicas, tem algumas propriedades, que possúem tambem substancias secretadas pelos sêres vivos, podendo mudar a natureza dos assucars ou transformar o vinho em vinagre, concluiu-se que com platina e agua se haviam fabricado *micelles* á vontade.

Si se fabricam *micelles*, e si a cellula viva se compõe de uma agglomeração de *micelles*, fabricou-se materia viva.

Essas experiencias sobre os corpos colloidaes metallicos são evidentemente das mais interessantes de diversos pontos de vista; parece, porém, muito difficil darem uma prova qualquer em favor da possibilidade, para o homem, de crear sêres vivos. Não nos referimos á experiencia sensacional que Burke acaba de fazer. Este joven sabio inglez pretende ter descoberto a geração espontanea, fazendo agir o radium sobre um caldo de cultura esterilizado. Pretende ter visto se produzirem pontos negros esphericos que se subdividem e, ao inverso das *micelles*, esses corpos seriam insolúveis n'agua!

Cagliostro sómente pretendeu, até hoje, haver operado esse milagre.

GASTÃO BONNIER,
Da Academia das Sciencias.

PAGINAS ESQUECIDAS

FÉ

As acções dos homens
Subam eternamente aos teus ouvidos,
Eternamente aos teus ouvidos soem
Os canticos da terra.

No turvo mar da vida,
Onde em parceis do crime a alma naufraga,
A derradeira bussola nos seja,
Senhor, tua palavra.

A melhor segurança
Da nossa intima paz, Senhor, é esta,
Esta a luz, que ha de abrir a estancia eterna
O fulgido caminho.

Ah, feliz o que pôde,
No extremo adeus ás coisas deste mundo,
Quando a alma, despida de vaidade,
Vê quanto vale a terra;

Quando das glórias frias
Que o tempo dá e o mesmo tempo come,
Despida já, os olhos moribundos,
Volta ás eternas glórias;

Feliz o que nos labios,
Na coração na mente põe teu nome,
E só por elle cuida entrar cantando
No seio do infinito!

MACHADO DE ASSIS.

* * *

O ALMA-NEGRA

O Melro, ás 8 da noite, quando os freguezes desalojaram, fechou a taverna; e, espreitando se os pequenos dormiam, disse á mulher:—A casa do Cambado é nossa, mas é preciso vindimar o Zeferino...

— Credo! — exclamou a mulher, com as mãos na cabeça — Nossa Senhora nos acuda!

— Leva rumor! — e punha o dedo no nariz.

— O' Joaquim, ó marido da minha alma, lembra-te dos tres annos que penaste na cadêa! Olha para aquelles quatro filhos!...

— Já te disse que me não cantes! --e relançava-lhe o seu formidavel olhar vêsgo, incendido com os lampejos da candêa, em que afogueava o cachimbo de páu. Depois, foi tirar dentre a cama de bancos e a parede uma velha clavina. Sentou-se á lareira, e disse á mulher que tivesse mão na candêa. Enroscou o saca-trapo na ponta da vareta de ferro e descarregou a arma, tirando primeiro a bucha de musgo, e, depois, voltando o cano, vazou o chumbo na palma da mão.

—O' José, vê lá o que vâes fazer!— insistia a mulher, limpando os olhos com a estopa da camisa. E elle, assobiando o hymno da Maria da Fonte, despejava a polvora da escorva, desparafusava a culatra e tirava as duas braçadeiras. A mulher soluçava, e elle, cantando numa surdina rouca:

Leva ávante, portuguezes
Leva ávante, não temer...

— Pelas chagas de Nosso Senhor, lembra-te dos nossos pequenos!

E o Melro, numa distracção lyrica:

*Pela santa liberdade,
Triumphar ou padecer...*

Depois, bufava para dentro do cano, e punha o dedo indicador no ouvido da culatra para sentir a pressão do sopro, que fazia um fremito aspero, impedido pelas escorias nitrosas. Pediu á mulher umas febras de algodão em rama, enroscou-as numa agulha de albarda e escarafunchou o ouvido do cano.—Está suja —disse elle— dá cá um todo-nada d'aguardente.

— Joaquim, vamo-nos deitar pelas almas! Não te desgraces!

— Traz aguardente e cala-te, já t'ó disse, mulher, com dez diabos! —

E pôz-se a assobiar. Enroscou algodão embebido em aguardente no saca-trapo, e esfregou repetidas vezes o interior do cano, até saírem, brancas e seccas, as ultimas farripas de zaracotea. Soprou novamente, e o ar saía sem estorvo pelo ouvido, com um sibilo egual.

Armou a clavina, aparafusou as braçadeiras, a culatra e a fecharia, introduzindo a agulha. Aperrou e desfechou o cão repetidas vezes, acompanhando o movimento com o dedo pollegar, para certificar-se de que o desarmador, a caxêta e o fradête trabalhavam harmonicamente. Levantou o fuzil de aço, que fez um som rijo na mola, e friccionou-o com polvora fina; e, com o bordo dum navalhão de cabo de chifre, lascou a aresta da pederneira, que faiscava.

— Valha-me a Virgem! valha-me a Virgem! — soluçava a mulher.

— Váe á loja atrás da ceira dos figos, e traz o masso dos cartuchos e uma cabacinha de polvora de escorvar, que está ao canto.

A mulher dava-lhe as coisas, a tremmer, e fazia invocações ao Bom Jesus de Braga, e ás almas santas bemditas. Elle encarou-a de esconso, e regougou: — Máu!... máu!

Carregou a clavina com a polvora dum cartucho; bateu com a cronha no sobrado, e deu algumas palmadas na recamara, para fazer descer a polvora ao ouvido. Fez duas buchas do papel do cartucho, bateu-as com a vareta ligeiramente, uma sobre a polvora e a outra sobre a bala.

Depois pegou da clavina pelo guarda-matto, e poz-se a fazer pontarias vagamente, passeando um olho, com o outro fechado, desde a mira ao ponto.

A mulher fôra sentar-se no sobrado, á beira da enxerga de tres filhos a chorar; o mais novo esperneava, dava vagidos na cama a procural-a. *O Alma-negra* fôra dentre beber uns tragos de aguardente; voltou enroupado num capote de militar, despojo das bata-

lhas da *Maria da Fonte*.—Ora agóra—disse elle— ouviste? porta da cosinha e a cancella da horta aberta, porque eu venbo do lado do pinhal.

— Váe com Nossa Senhora— disse a mulher— e poz-se de joelhos a uma estampa do Bom Jesus a rezar muitos *Padre-Nossos* a fio.

* * *

Era uma noite de fevereiro, de nevoa cerrada, um céu de carvão pulverisado em brumas molhadas, sem clareira onde lucilasse uma estrella. Não se agitava um galho de arvore núa movido pelo ar, nem ondulava uma herva. Era a serenidade negra e imota das catacumbas. A's vezes, rugia nas folhas ensopadas de nebrina, no chão esponjoso das carvalheiras, a fuga rapida das hardas, dos tourões e das raposas, que se avisinhavam do povoado a fariscarem as capoeiras. O Joaquim Melro estremecia e punha o dedo no gatilho. O restolhar dum gato bravo, o pio da coruja no campanario distante, punham arrepios de medo na espinha daquelle homem que ia matar outro— chamal-o á janella e varal-o á traição com uma bala.— Era o traçado.

— Que raio de escuro! — dizia, esbarrando nos espinheiros perfurantes.

Em noites assim, o universo seria o immenso vacuo precedente ao *Fiat* genesiaco, se os viandantes não esbarrassem com as arvores, e não escorregassem nos silvedos das ribanceiras. O noctivago sente na sua individualidade, nos seus callos e no seu nariz, a doce impressão pantheista das arvores e dos calhás. Que este globo está muito bem feito. Os transgressores do descanço que Deus estatuiu nas horas tenebrosas, os scelerados das aldêas que larapeiam o presunto do visinho, que empunham o trabuco homicida, se não temem encontrar as patrullas civicas das grandes municipalidades, encontram os troncos hostilmente nodosos das arvores, que são as patrullas de Deus. Alguns, porém, protegidos pelo Mephisto, a quem venderam a alma pelo preço da consciencia eleitoral, ou mais barata, chegam incolumes ao delicto, passando illesos como o lobo e o javali por entre os troncos das carvalheiras esmoitadas, hirtas, com os galhos a esbracejarem retorcidos numa agonia patibular.

O Melro, como o porco montez e o lobo cervical, embrenhára-se por pinhaes e carvalheiras; ás vezes, parava a orientar-se pelo cucuritar dos gallos tresnoitados e latir dos cães. Ao fundo das bouças ladeirentas, rugia o rio Péle nos açudes das azenhas e nas guardas dos pontilhões. Lamellas era da parte d'além. Mas o rio, de monte a monte, rugia intransitavel nas pe-

quenas pontes. Foi á de Landim, uma aldêa engravatada, onde ainda se avisstavam clarões de luz nas vidraças das familias distinctas, que jogavam a bisca em ricos saráus.

Havia tambem um rumorejo de vozes, que altercavam na taverna do Chasco. Tinia dinheiro lá dentro. Jogava-se o monte.

O Melro cuidou ouvir proferir o nome do Zeferino. Abeirou-se, pé ante pé, do postigo da taverna, e convenceu-se de que estava alli o pedreiro. Era elle quem reclamava um quatinho que puzera *de porta*.

— Que não admittia ladroeiros!

E o banqueiro, desfeitoado, observava-lhe que nada de chalaças a respeito de ladroeiros; que todos que estavam daquella porta para dentro eram cavalheiros. O Zeferino replicava que não queria saber de cavalheiros; que queria o seu quatinho ou que se acabava alli o mundo. Que quem queria roubar que fôsse para a Terra Negra.

A allusão era muito certa e inconveniente. Estavam na roda das cavalheiros alguns veteranos da antiga quadrilha do Faisca, na Terra Negra, muito desfalcada pelo degredo e pela forca. Travou-se lucta a socco e páu; havia lampejos de navallas que davam estalos nas molas; o Tagarro de Monte Cordova tinha feito afocinhar o banqueiro sobre os dois galhos do baralho com um murro herculeo, phenomenal. O taberneiro abriu a porta para escoar o turbilhão. Elles saíram de roldão; e, quando euteslaram com a treva exterior, quedaram-se cegos como num antro de caverna. Um, porém, dos que estavam, não saíu; encostára-se ao mostrador com as mãos no baixo ventre, gritando que o mataram; e, vergando sobre os joelhos, num escabujar angustioso, caíu de bruços, quando o taberneiro e o Tagarro o seguravam pelos sovacos. Era o Zeferino.

Quando, á meia noite, o *Alma-negra* entrava em casa pela porta do quintal, encontrou a mulher ainda de joelhos deante da estampa do Bom Jesus do Monte. Ao lado della, estavam duas filhas a rezar tambem, a tiritar, embrulhadas em uma manta esburacada, aquecendo as mãos com o bafo.

O Melro mandou deitar os filhos, e foi á loja contar á mulher, livida e tremula, como o Zeferino morreu sem elle pôr para isso prego nem estopa. Ella poz as mãos com transporte, e disse que fôra milagre do Bom Jesus; que estivera tres horas de joelhos deante da sua divina imagem. O marido objectava contra o milagre — que o compadre não lhe dava a casa, visto que não fôra elle quem vindimára o Zeferino; e a mulher — que levasse o demo a casa; que elles tinham vivido até

então na choupana alugada, e que o Bom Jesus os havia de ajudar.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

* * *

RUY BARBOSA

O publico, que estima e admira, no sr. Ruy Barbosa, uma gloria nacional, ainda agóra mais gabada em virtude do seu recente discurso sobre a amnistia, gostará de saber, pelas seguintes linhas do fallecido jornalista Urbano Duarte, alguma coisa da meninice do senador bahiano :

No collegio do dr. Abilio, na Bahia, eu fui contemporaneo de Ruy Barbosa, de Benicio de Abreu, Aristides Milton e de outros notaveis talentos, que hoje fazem bonita figura.

Estou a me recordar de alguns episodios interessantes daquelles priscos tempos.

Ruy Barbosa sempre foi lá considerado *menino genial*. Obtinha approvações distinctas, era escolhido para fazer discursos nas solemnidades do collegio. O dr. Abilio o intitulara *minha perola*.

Além de magnifico estudante, Ruy se comportava perfeitamente. Jámais soffrera castigo ou simples reprehensão.

Certo dia, porém, Ruy Barbosa teve uma *intincancia* com o padre Fiuza, professor de latim.

Discordando sobre a traducção da uma phrase de Tito-Livio, o pequeno Ruy, muito zangado e vermelhinho, atirou o livro no chão e retirou-se da aula.

O padre Fiuza *deu parte*.

O dr. Abilio magoou-se profundamente com aquella primeira jaça de *sua perola*.

Era seu dever castigal-o, afim de não desmoralisar a padre Fiuza, antigo professor do collegio e seu amigo pessoal.

Chamou o Ruy particularmente e pediu-lhe que apresentasse desculpas ao seu mestre de latim, solicitando-lhe o perdão.

O menino Ruy saltou de indignação.

E retorquiu :

— Nunca ! Padre Fiuza não sabe latim !.. Se elle quizer chegar-se ás bôas commigo, ha de confessar que errou ! Se não, não.

— Menino, tenha juizo. respondia o velho Abilio, com sorriso paternal e bondoso. Fiuza conhece o latim como Cicero ! Elle é um Tito-Livio bahiano, de corôa e báculo.

— Está enganado, não váe além de *hora, horæ, res rei, e qui quæ quod*.

— Com que então — concluiu o Abilio — você não quer pedir perdão ao padre Fiuza ? ! ! !

— Não peço !

— Metto-o na cafúa !

— Metta !

— Suspendo-lhe a sobremesa . . .

— Suspenda !

— Mando-o ficar *de pé em cima do banco !* durante o jantar, em presença de todo o collegio.

— Mande.

.

O immortal educador bahiano começou a se sentir agastado, ao ver o orgulho e firmeza do joven Ruy.

E, á hora do jantar, ordenou-lhe que ficasse em pé em cima do banco.

Elle obedeceu promptamente.

Que escandalo para a meninada !

Oh ! o Ruy Barbosa de pé em cima do banco.

Vinha o mundo abaixo !

Aquelle estudante modelo a soffrer um castigo proprio dos peraltas e galopins !

De sorte que, dali por deaute, quando mandavam algum vadio trepar ao banco, elle o fazia a rir-se sem a menor vergonha, dizendo com certa vaidade :

— O Ruy já esteve tambem !

URBANO DUARTE.

OS ESTADISTAS DO PRIMEIRO REINADO

II

Quem quererá perder paciencia em ler apreciações a respeito de estadistas, de ministros e de oradores, que já emmudeceram ?

Será coisa difficil !

O nosso tempo e meio social não comportam tanta delonga e fadiga ; têm pressa ; não param para contemplar um espectáculo findo. Si não gostam de occupar-se com os governos do presente, si mal attentam em actos, que de perto lhes tocam, como perderão a paciencia com assumptos estranhos ? . . .

A indifferença usurpou o lugar do civismo ; a subserviencia desce das altas ás infimas camadas sociaes. As disputas, os problemas, os interesses, as coleras, os enthusiasmos, as superstições e fanatismos dos homens de outr'óra não accendem mais a paixão nos peitos nem mesmo açulam a curiosidade nos espiritos.

Preferimos ler, nos jornaes, a parte consagrada aos escandalos, que se manifestam nas regiões governamentais, que periodicamente surgem aqui e acolá.

Os acontecimentos politicos do primeiro Imperio distam muito de nós ; já nos não prejudicam nem aproveitam.

Os methods governativos do Imperador e do seu ministro e mestre predilecto, considerados sob os pontos de vista actuaes, não convéem, ou não interessam aos que vivemos com orientação que os nossos antepassados não tinham. A nossa geração até procura desfazer-se do seu parentesco e dependencias com gerações, cujas preoccupações, cujos costumes, cujas idéas, cujos interesses não compartilham. Nossas entranhas são consumidas por outros males, nossos cerebros absorvidos por pensamentos diferentes, nossas ambições não se harmonisam.

Os antigos, isto é, os contemporaneos da Independencia, apuravam tudo, queriam, sollicitos e vigilantes, cuidar da causa publica ; ainda não conheciam *esta numerosissima classe de pessoas honestas — máus cidadãos* — que não desejam absolutamente incommodar-se por amor do interesse geral (1). E' por isso que, em nossos dias, não reparamos nas escandalosas prodigalidades do orçamento ; ao contrario, as supportamos. Não sentimos a mais ligeira indignação vendo, todos os annos, o Congresso Legislativo, no meio de perenne esterilidade, duplicar o prazo marcado para seus trabalhos, convertendo as nobilissimas funcções de legislador em tarefa vulgar de empregados publicos remunerados.

Ora, si estamos assim habituados, que nos importa o passado ? E, demais, que juizo faremos d'elle ? Nós não nos atarefamos com os interesses que nos são caros, urgentes, actuaes, como iremos fatigar-nos e perder tempo em investigar as causas do desastre incrível do ministerio de José Bonifacio, derrubado pela ponta do burzeguim da Pompadour do reinado ?

A que vem saber si os estadistas fundadores da monarchia são susceptiveis de julgamento contradictorio, conforme o ponto de vista do historiadore ? Lobrigariam elles no porvir os successos que se realisaram ? Pensaram firmar o regimen da monarchia constitucional sobre bases inabalaveis, nullificando a concurrencia audaciosa da Republica ? Tiveram, ou não, luminosa intuição do futuro ?

Ora, em politica, por mais sabia, segura e penetrante que seja a previsão, de certo não é coisa de grande merito, porquanto não basta descortinar e prever os successos que hão de vir ; o essencial é saber prevenil-os, evital-os, ou fazel-os abortar. Nunca elles acreditaram na possibilidade do

advento do regimen sem a realza tradicional, hereditaria. Entre elles, primeiro figura José Bonifacio, que cobria de sarcasmos e baldões o systema republicano (2). No emtanto, não foi precisa a evolução de um seculo para a Republica levantar-se, triumphante, sobre as ruinas do immediato reinado.

O passado do paiz, que contém a sua historia, não obtem graça nem consideração perante as novas gerações, embóra estas, mal satisfeitas com o regimen da democracia, que julgavam corresponder a seus idéas e aspirações, todavia entendem que dos factos do primeiro reinado não lhes aproveita a improficua e fatigante licção.

Notemos que o presente procura descartar-se do passado e levianamente desdar o laço mysterioso que os une. E' um perigo, ou grande mal.

Quando as gerações successivas não mantéem a unidade da raça e do povo, de que procedem, e rompem os vinculos da solidariedade, o organismo nacional deteriora-se, esphacellando-se; pouco a pouco, esgotam-se as forças, esterilizam-se os cerebros, que só se tornam fecundos na permanencia do *meio*, conservada e mantida a tradição do passado, na qual continúa e se prolonga o germen de vida duma nacionalidade. Essa manutenção depende das leis physio-psychologicas, que a cultura da raça deve rigorosamente observar pela educação e pelo ensino constante da historia.

Não se fórma um povo nem se constitúe ou vive em nma só geração. E' uma cadeia, cujos élos se prendem em todas as phases de sua existencia. Possúe como que uma consciencia colectiva, que de certo não se identifica com a individual do Eu humano. E', porém, uma fórma de hereditariedade, assim como de identidade organica, que cumpre ser mantida através das edades e, sómente desta guiza, perdura num povo a permanencia do character, do espirito, do patriotismo, dos habitos e de todas as aptidões, a que costumamos chamar consciencia nacional.

Repetiremos que um philosopho grego soía dizer que—*vivemos da morte dos Deuses*.

Parece uma extravagancia, mas o pensador da Grecia pretendia ensinar que — as gerações vivem umas das outras; continúam, aperfeçoam, ou desfazem umas as obras das outras. A solidariedade das gerações é uma lei resultante da natureza humana e do complexo dos phenomenos sociaes: nem o homem, como individuo, nem as gerações, formando o organismo nacional, pôdem subtraír-se ás condições impostas pela natureza. O afamado philosopho allemão, tão conhecido nas evoluções da philosophia do seculo

XIX, exclamára: —o *Ente* é um eterno *devenir*; isto quer dizer.— que vive em perennes transformações... Uma nacionalidade é como o *Ente*: passa por innumeras mudanças; assim tambem as gerações por outras tantas transformações. Ora, para conhecer a vida social, ou as mudanças operadas, releva, pelo estudo da historia, verifical-as; sem duvida, a historia abrange o movimento contínuo da apparição e escoamento de todas as existencias. E' uma das leis da philosophia da historia, que Hegel demonstrou, gravando-a na intelligencia do seculo do largo e profundo, sinão universal, desenvolvimento da sciencia moderna.

A solidariedade das gerações é, pois, um facto irrecusavel: todas ellas nascem no mesmo meio; recebem a mesma luz; alimentam-se do mesmo ar; incorporam-se ao mesmo clima no sólo da patria; seguem as mesmas forças moraes e intellectuaes, incarnadas na historia.

Que importa, em certos periodos, a apparencia contraria, a pretensão, que a mocidade ostenta, de fazer taboa rasa do passado? Poderá a geração do Brazil de hoje cortar o cordão umbilical que a liga ao Brazil do tempo de José Bonifacio e de Pedro I?

Pôdem os homens dum tempo pensar, ou ter outras aspirações e gostos; mas, substancialmente, são os rebentos, por assim dizer, do mesmo tronco; vivem da mesma seiva: eis porque as nações não morrem.

Os espiritos observadores, lançando uma vista d'olhos sobre os povos, quer antigos quer modernos, reconhecem a perenne solidariedade, verificam-na e affirmam-na. Renan observa, com so-beja razão, que—o grego de hoje ainda conserva os instinctos daquelles que escutaram Demosthenes, admiraram Phryné e applaudiram Platão. E, sem sermos Renan, qualquer de nós, que estude os factos, com algum criterio e reflexão, vê no inglez a prova material, evidente, da solidariedade das gerações, da continuação da raça, da identidade da consciencia e da vontade nacional, o character, o typo, que não se confundem com os dos homens doutros paizes.

Assim, as gerações de hoje, (bem pouco importa que vivam sob o regimen republicano) pôdem aprender das passadas de que modo se fundou o governo da liberdade civil e politica; de que maneira nossos paes souberam lutar contra o absolutismo tradicional; por consequencia, no estudo e no conhecimento dos estadistas antigos, muito lucrarão e seria injustificavel desdenhal-os sómente porque não são dos nossos dias. Ora, como as nações sempre são representadas por certas individualidades, que dão a norma de pensar; que geram idéas e tomam parte em todos os factos, o estudo de

taes individualidades, a interpretação de seus pensamentos contém a vida da sociedade brazileira e pôdem dar a expressão dos instinctos, das idéas, das aspirações, das crenças, dos preconceitos, das coleras e das paixões do tempo.

Neste presuppuesto, como materia de estudo, tentaremos passar uma revista na cohorte dos estadistas do defensor perpetuo, e obrigar-os a desfilar aos nossos olhos, rapidamente. Não os reteremos, sinão os instantes indispensaveis para lhes tomar, apenas, os traços das physionomias.

E' uma galeria onde collocaremos em seu logar cada busto, feito a traços largos, imitando o processo do escriptor francez, a quem alludimos no começo deste artigo.

Não dissimulamos que, ainda assim, não serão poucas as desillusões. Eu, por mim, confesso que as tive, habituado a considerar certas destas figuras desapparecidas, como espiritos eminentes, que guiavam o joven fundador do Imperio pela senda do regimen constitucional e representativo; e que eram, como benemeritos e patriotas estrenuos, seguros garantes dos direitos individuaes e das liberdades publicas.

Illudi-me e passei por muitas decepções... A distancia e o tempo, conforme ajuizou Plinio Junior, os engrandeceram de mais.

Mediocres, fôram submissos: nullos, fôram servis: depositarios da confiança da nação, fizeram-se instrumentos nas mãos do principe.

Governaram o paiz ao bel prazer de d. Pedro, abrazado de insoffrida paixão pelo exercicio illimitado do irresponsavel do poder pessoal e da monarchia tradicional, que perdurou desde a Independencia até á revolução de 7 de Abril. O governo de d. Pedro I caracteriza-se pelo exercicio do governo irresponsavel e arbitrario, sem os limites constitucionaes, só dependentes da suprema vontade imperial; assim se conservou durante o periodo do reinado.

Não praticou tyrannias crueis; não foi tambem o regimen da liberdade civil e politica.

A responsabilidade dos erros e dos males, que soffreu a nação brazileira, entrando no convivio dos povos livres a quem toca?

Ao Imperador, ou aos ministros que o serviram, uns por dedicação; outros, por subserviencia e muitos por ignorancia do regimen?

Quanto ao Imperador, elle respondeu perante o tribunal da geração que viu e soffreu as violencia e as consequencias funestas do seu governo. A revolução popular de 7 de abril o julgou irremessivelmente.

A historia não reformará a sentença, fundada numa longa série de

factos, que ainda o interesse, a parcialidade, as hypocrisias dos partidos não poderão contestar, nem destruir; a sentença irrevogavel assenta numa base inquebrantavel: — a verdade.

Esmerilhando os factos, poderão os espiritos rectos julgar da vontade daquelle que os praticou, e formar uma opinião segura do modo, pelo qual se iniciou e se praticou o governo constitucional e representativo no Brazil nos annos que seguiram a Independencia: poderão avaliar da pericia do governo do nosso patriarcha e do defensor perpetuo. Não se olvidarão de que, no patriarchado, a vontade irresponsavel era de lei divina — *omnis potestas á Deo...* Sob o influxo de taes sentimentos e idéas, geradores do despotismo, o nosso patriarcha queria fundar a liberdade dum povo, que, pela revolução da Independencia, se separava da metropole e rompia com a monarchia tradicional!!! Empreheidia pela hypocrisia, ou violencia, forçar o povo, que ambicionava obter as conquistas da civilisação, a retrogradar ao regimen do marquez de Pombal. Nada podia ser mais absurdo, do que o patriarchado e o liberalismo de José Bonifacio... duas coisas visivelmente incompatíveis e que concorreram nimiamente para arraigar e desenvolver a paixão do poder absoluto no Imperador; a corrupção e o servilismo no espirito publico. A acção de José Bonifacio foi ancha de bens e de males.

De 16 de janeiro de 1822, data do primeiro gabinete, em que predominou a figura veneranda do *patriarcha*, até o gabinete de 5 de abril, d. Pedro governou com 10 ministerios a seu bel-prazer — fructo do deploravel ensino do mestre...

Nesse periodo, exerceram o governo os homens, talvez reputados os mais competentes, que não eram indicados pelo Parlamento, que não funcionava.

O imperante os nomeava, a seu talento, como hoje os presidentes da Republica escolhem os secretarios por seu absoluto arbitrio, *sem pezos e contrapezos* do regimen parlamentar, sem a responsabilidade, fiscalisação e apoio das maiorias.

Naquella temporada, o unico juiz da capacidade, sciencia, aptidão, competencia e moralidade dos agentes do poder, foi o Imperador, como hoje é o presidente, eleito pela vontade do seu antecessor, que dispõe do suffragio eleitoral. Essa origem dos ministerios, muitas vezes, produz creações irrisorias, ou repulsivas: acotovellam-se no mesmo gabinete personagens de caracteres oppostos, de aptidões differentes, nullos, ou improbos, competentes e dignos... Só os governos irresponsaveis organisam taes ministerios. Conta um historiador que Viglia, barbeiro do rei ~~Emmanuel de Neaples~~, costumava

indicar ao augusto amo os ministros de Estado, e, por esta fórma, fôram alguns nomeados.

No primeiro reinado, o conselheiro Chalaça e o creado Pinto fabricaram tambem alguns ministros. Como taes coisas se faziam, nos dirá o exame dos factos, uns referidos pelos contemporaneos; outros, revelados nos debates parlamentares e na imprensa. Não abundam documentos comprobatorios dos vicios do regimen do reinado; subsistem, todavia, actos que os demonstram e evidenciam que no primeiro imperio sómente o paiz teve de governo constitucional e representativo uma sombra, e contra ella se travou sempre implacavel lucta. Até 1826, o chefe absoluto do poder executivo governou — só — mas, desde que a primeira assembléa legislativa se reuniu e *pediu conta* do estado dos negocios publicos, o Imperador negou-lhe o direito de intervir, ou conhecer a marcha da administração do Estado (3); dahí, se originou o drama, cujo desenlace inevitavel foi o 7 de abril.

Na Constituinte de 1823, reuniram-se os homens reputados mais habilitados que possuia o paiz, ainda principiante e inculto; portanto, poucos, em verdade, são os estadistas dignos de menção: a maioria delles reúne a ignorancia á inexperiencia. Entre aquelles que exercitaram as funcções do governo, alguns avultam por talentos e por variados conhecimentos, que mesmo, então, eram notaveis.

Veremos nesse grupo os irmãos Andradas, os marquezes de Caravellas, de Barbacena, de Baependy, de Olinda, de Abrantes, Feijó, Alencar, Vergueiro, Bernardo Pereira de Vasconcellos e outros, que, durante a regencia, se illustraram pelo vigor da palavra eloquente e pela sciencia da politica e do governo; por exemplo: Jequetinhonha, Abaeté, Ramiro, visconde de Albuquerque, de Maranguape, Lino Coutinho, Maciel Monteiro, etc.

Dividiremos esses grupos em séries e começaremos pelos mais salientes sem attender á chronologia. Evocaremos cada uma dessas figuras desaparecidas, segundo o capricho da imaginação, ou do momento. Não faremos questão de fallar, v. g., dos senadores marquezes de Barbacena, ou de Caravellas antes, ou depois de José Bonifacio, de Martim Francisco, de Antonio Carlos. Virá, em hora opportuna, essa trindade historica e politica — homens que conseguiram absorver a attenção publica, dominar o proprio imperante, impor-se pela arrogancia e pelo prestigio do talento á Assembléa Constituinte, que elles comprometteram e sacrificaram ás iras imperiaes... E, com a representação nacional, fôram (ineptos) batalhando desasadamente por uma *questão de rua*, — tambem sacrificados por deli-

beração dum *conluio d'alcova* da mesma fórma que, no imperio mussulmano, os *vizirs*, que *cáem numa conspiração dos eunuchos do serralho*, são executados silenciosamente nos *vãos das janellas do palacio* (4).

EUNAPIO DEIRÓ.

(Continúa)

(1) Phrase de Duvergier d'Hauranne—*Hist. du Gouvernement Represent. Parl.*

(2) Vide a carta de José Bonifacio dirigida ao marquez de Barbacena, então ministro, no livro intitulado—*Viagem do marquez de Barbacena*, pag. 745.

(3) *Annaes da Camara*, pag. 81 — vol. 2^o, 1826. Vide os officios dos diversos ministerios e das secretarias da Camara dos deputados.

(4) Comparação de Villemain, expulso, com Guizot, do ministerio, pela colligação das fracções parlamentares.

O ALMIRANTE (43)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XVIII

Debruçada á larga janella do salão, a marqueza acompanhou com os olhos, a refulgirem de doce solicitude, o vulto de Oscar, desapparecendo no sombrio do arvoredado, surgindo, além, illuminado, para immergir de novo sob as ogivas escuras do bambual farfallhante ao ligeiro arfar de uma brisa intermitente. Dir-se-ia que ella seguia, naquella bella figura de homem, a sua esperança derradeira, os seus sonhos de moça concretisados no forte anhelado dominador, que se fizera obsessão da sua velhice incipiente, nessa quadra em que todas as energias d'alma se enrijam, se coordenam, se harmonisam como aparelhos de defeza da vida em declinio.

A' sua mente, tanto que a deixavam os amigos, as visitas habituaes, volviam as recordações venturosas, as saudades immorredoras, reeditando, em tumulto, o commovente romance do passado, cujos episodios tiveram todos um desenlace funesto, restando no campo da acção, desligados do enredo, como restos banaes de uma série de catastrophes, dois personagens: ella e Oscar, de papeis terminados; personagens banaes—ella, procurando fazer vibrar o coração desolado; elle, como um sêr que inverna nos gelos do egoismo, consolado ás circumstancias, escravizado aos factos, resignado aos golpes da fatalidade, sem um impulso de resistencia, sem um estimulo de destaque á sua superioridade, ligados ambos por um fragil laço de affeição esteril, condemnados ambos a se sumirem na massa anonyma dos imponderaveis, como sêres que não tiveram na sociedade, na fa-

milia, ensejo de exercerem uma função accentuada, que lhes perpetuasse a memoria.

A solidão da casa sumptuosa, áquellas tristes horas das noites sem somno, afogava a pobre mulher como uma prisão; ella tinha a sensação exacta do vacuo, onde o seu corpo, alquebrado pelo esforço de manter a feição de uma serenidade feliz, a custo se equilibrava sustido pelo espirito trabalhado de absurdas preocupações.

Lançando um vago olhar aos vitraes illuminados do pavilhão de Oscar, a marquezia se dispunha a subir ao sobrado, quando lhe embargou o passo uma mucama, com ares de terror, mal podendo emittir palavras dos labios tremulos:

— Sinhá — disse ella — estão alli dois homens...

— Dois homens? — repetiu a marquezia — A esta hora? Que será?

— Não sei...

— Não te disseram os seus nomes?

— Não, senhora. Disseram que tinham negocio muito urgente.

— Que entrem — ordenou ella, resolutamente, depois de alguns momentos de hesitação.

A mucama voltou depressa, precedendo os dois estranhos visitantes.

— Vossa excellencia — disse, em tom rouco, com palavras vibrantes a lhe surgirem rapidas dos labios, velados por longa e espessa barba, um delles, cujos olhos pequenos scintillavam através dos grossos vidros de uns oculos de ouro — perdoará o incommodo desta visita a hora tão impropria, quando souber do motivo della. Trata-se de interesses superiores, de interesses que não podiam ser adiados, de interesses da nossa patria.

E, como ella recuasse num gesto de susto, elle continuou, com maneiras cheias de cortezia:

— Não se arreicie, minha senhora, nós somos amigos, incumbidos de uma importante missão, de que depende a sorte de pessoas muito caras...

— Não comprehendo — murmurou a marquezia, a tremer de terror.

— E' muito simples — tornou o outro desconhecido, um individuo magro, de attitudes humildes, quasi timidas — Eu e aqui o doutor sabemos que vossa excellencia é um dos raros fieis, sinceramente fieis á familia imperial.

— Sou muito amiga da Princeza, mas não atinei ainda onde querem os senhores chegar.

— O miseravellevante dos traidores de 15 de novembro suffocou as convicções que, passado o periodo de estupor, readquirem, afinal, segurança para se erguerem e reivindicarem a honra nacional. Chegou o momento de agirmos...

O dos oculos fuzilantes tomou, então, a palavra:

— Não percamos tempo em dissertações sobre o passado; os minutos são preciosos. Vossa excellencia sabe que, nestes tres dias, estará ali o *Riachuelo*, conduzindo a missão que foi a Montevideo firmar o vergonhoso tratado que dá aos Argentinos um pedaço do territorio nacional. Isto quer dizer que se approxima o momento de explodir a agitação, que está dominando todos os cidadãos de norte ao sul do paiz... Ha um sopro de indignação patriótica agitando todas as camadas sociaes, agitação que devemos orientar, encaminhar como instrumento de restauração.

— Da restauração? — exclamou a marquezia.

— O povo inteiro, quasi toda a marinha, a melhor parte do exercito estão harmonizados no pensamento de uma energica demonstração de repulsa ao tratado de Montevideo. Temos o pensamento, temos o braço, a força, e este seu creado, que não conhece a côr do medo, estará entre os patriotas... para provarmos que este paiz não foi preza inerme de meia duzia de aventureiros. Dessa agitação nobre, surgirá a revolução, a contra revolução que está fermentando soturnamente á espera de um motivo, de um pretexto, da occasião propicia que é a melhor condição do successo. Ora, essa occasião se approxima; não devemos perdê-la...

— Mas... que querem os senhores que eu faça; eu, uma mulher, afastada das luctas?

— Vossa excellencia será o espirito protector da revolução; será o anjo da victoria... Entretanto, resta atacar um ponto importante; surge uma questão melindrosa...

Houve uma longa pausa de hesitação. Os dois homens se entreolharam significativamente, como se procurassem a solução do embaraço que os detinha. Afinal, o mais retraído, mais humilde se decidiu a propor a questão melindrosa.

— Entre nós, devem ser banidas as reticencias. Devemos falar claro, sinceramente, como correligionarios. Vossa excellencia sabe que, nessas occasões difficeis, ha sempre uns pequenos obstaculos que atrapalham os melhores esforços. Entre os nossos companheiros, ha uns certos typos de grande prestigio que, por se saberem indispensaveis, hesitam para dar maior valor ao seu prestigio. Temos alguns que, á ultima hora, fazem ponderações de ordem economica, allegam preocupações do futuro da familia, da sorte dos filhos; lembram que ha morrer e viver, que apezar de contarem com a victoria, não se poderá evitar um accidente, um desastre e que é preciso prever tudo, acautelar tudo com

meios effectivos e não méras promessas, por mais solidas que sejam. São esses os gananciosos exploradores das circumstancias...

— Demais — observou o companheiro de oculos, que approvava com a cabeça as palavras do homem humilde — temos compromissos com os sargentos para fazermos propaganda entre a soldadesca. Nós e outros amigos estamos exgottados e vemos se esquivarem os auxiliares mais garantidos, precisamente quando se approxima o momento...

— V. ex. sabe — tornou o outro — que são muitos os partidarios da victoria, os que estarão promptos a empolgarem o poder, ganho com o sacrificio dos outros, a pretenderem as posições rendosas; são poucos os dispostos aos sacrificios mais duros para manterem convicções e principios. E' doloroso; é vergonhoso, mas nada devemos occultar a vossa excellencia; encontrámos a maior parte dos nossos correligionarios nuito cheios de escrúpulos, de evasivas, de uma cobardia miseravel. Se não fôra a nossa fé em Deus, na Providencia divina que sempre protegeu o Brazil e a familia imperial; se não fôra a nossa certeza absoluta de vencermos, teriamos abandonado a empresa, taes e tantas téem sido as nossas decepções. Tratando-se de dinheiro, todos se encolhem.

O conspirador numero um, aquelle que o outro chamava doutor, fixou o matreiro olhar na marquezia, explorando o effeito das eloquentes insinuações á certeza da victoria, á cobardia, á sovinnaria dos correligionarios ricos, á ingratição, emfim, dessa gente inventada pelo Imperador, engordada á sombra do prestigio da familia imperial.

— Pensarmos — observou o outro conspirador — que dentro de tres dias salvariamos a patria, se não fôra essa mesquinha difficuldade de dinheiro...

— O amigo, minha senhora, abordou a questão que os meus escrúpulos evitaram. Trata-se de remover a derradeira difficuldade e isso depende de alguns contos de réis, que constituirão a contribuição de vossa excellencia.

— Dinheiro? — exclamou a marquezia, espantada, como se fôra victima de uma extorsão. — Quanto querem os senhores?

— Nós? Nós nada queremos. A restauração da monarchia necessita desse concurso que não passará de duzentos contos de réis, uma ninharia, que não tem valor comparada com as immensas riquezas de vossa excellencia...

— Além disso — accrescentou o outro, interrompendo vivamente o doutor — essa contribuição será um méro adeantamento. Restaurada a monarchia, vossa excellencia será immediatamente reembolsada...

— Não é possivel — murmurou a

marqueza — Não é possível. Eu não desejo intervir nisso.

— Vossa excellencia — observou o doutor — está infelizmente muito compromettida...

— Eu, compromettida?

— E' verdade. Figura o seu nome respeitavel na lista dos suspeitos ao Governo Provisorio, que tudo sabe, que está perfeitamente informado de ser este palacio o antro da conspiração, dirigida pelo doutor Souza e Mello, com o auxilio do conselheiro Antonino.

— Isto não é verdade — exclamou a marquiza, indignada.

— O governo está bem informado pela sua policia, que penetra tudo. Aqui mesmo, neste salão, apparecem os seus agentes secretos. Vossa excellencia está ao abrigo das iras dos detentores do poder, cuja colera recairá sobre a pessoa que lhe é mais cara neste mundo.

— Oscar?! — bradou a marquiza, hirta de terror.

— Vossa excellencia disse o nome. Se recuarmos, elle estará completamente perdido como traidor á Republica, illudindo a absoluta confiança do ministro da Marinha.

— Isto é uma infamia — affirmou ella, sacudida de commoção — Oscar é o mais leal dos homens.

— Não duvidamos, mas é o que se diz nos bastidores do governo. O agente secreto da policia é uma gentil senhora, que se fez amante de Oscar, para lhe acompanhar os movimentos...

— Amante de Oscar?!...

— Ao mesmo tempo que tem intimas relações com o doutor Souza e Mello, que lhe sustenta os caprichos, o excessivo luxo...

— Mas tudo isso é uma miseravel calunnia...

— Não duvidamos, mas é o que corre: a senhora Dolores...

— Dolores?!

— Um demonio de saias capaz de tudo.

— E' possível...

— Agóra está vossa excellencia bem informada da situação: se recuarmos, seremos esmagados.

— Estará cortada a carreira de Oscar — accrescentou o outro conspirador, muito commovido.

— Dolores? Será possível? — murmurava a marquiza, afflicta, arrebatada pela surpresa daquella revelação — Amante de Oscar? E' uma infamia, uma calunnia vil...

— A victoria da revolução sanará tudo. Nós estamos, como vê, acompanhando as manobras dos nossos adversarios, havemos de desviar-lhes as pesquisas que ficarão concentradas nesta casa, ao passo que estaremos agindo noutra direcção. No momento combinado, Oscar apparecerá para estabelecer o novo regimen sobre os destro-

ços da Republica; vossa excellencia ficará completamente estranha ao movimento; a sua intervenção se limitará á parte economica...

— Os senhores estão vendo — applicou a marquiza, quasi em pranto — que não posso deliberar; não, não posso... Esperem; amanhã, vinte e quatro horas...

— Nós não lhe viemos pôr o estoque ao peito, senhora marquiza. Aceitamos uma demora de vinte e quatro horas.

— Sim, vinte e quatro horas...

— Contamos com a discreção de vossa excellencia, mesmo para com Oscar. A revelação desta entrevista teria consequencias desastrosas para todos nós, porque segredos desta ordem se pagam com a vida.

A marquiza cortada de terror, em attitude de recuo, encarava nos dois homens, que trocavam rapidas palavras imperceptiveis.

— Amanhã a esta hora — concluiu o doutor — estaremos aqui. Vossa excellencia terá o dinheiro preparado e escusa empregar subterfugios para nos arriscar a uma surpresa lamentavel, de nos delatar, tollice inutil e perigosa, porque nós, que dedicamos a vida, os nossos haveres, o futuro da familia á empreza patriotica da restauração da monarchia, tomámos as nossas precauções para a punição dos traidores. Até amanhã, senhora marquiza de Uberaba.

Tanto que pronunciou estas palavras, o doutor, ao envolver-se numa ampla capa negra, deixou ver na cinta um revolver e uma longa faca em bainha de prata.

— Até amanhã, senhora marquiza — repetiram os dois, com profundas reverencias de despedida.

(Continúa)

CONGRESSO SCIENTIFICO LATINO AMERICANO

E', de facto, uma oração de estadista, a do sr. Rio Branco, recitada, em nome do governo, para saudar os delegados estrangeiros ao Congresso Scientifico Latino-Americano.

Póde-se admirar, neste paiz de excessos, esse modelo de sobriedade, de circumspecção e medida de fórma, a revestir, com encantadora simplicidade, um alto e forte pensamento de sinceridade. Como, entre nós, a rhetorica é a lingua habitual dos nossos homens de Estado, temos muito gosto em publicar esse discurso, no sentido de uma licção edificante.

«MEUS SENHORES — Entre as incumbencias derivadas da funcção publica que exerço, tenho por especialmente agradavel esta de, em nome do sr. presidente da Republica e do seu governo, dar as boas vindas aos membros estrangeiros do Congresso Scientifico Latino-Americano.

Não são precisas phrases de solemne postura para significar aos visitantes amigos o grande contentamento com que os vemos entre nós. Elles bem terão sentido, desde a hora da chegada, a singela sinceridade da convivencia brasileira, o ambiente de sympathya que aqui encontra sempre o estrangeiro intelligente e benevolo.

A primeira e, considerada socialmente, a mais util consequencia dos congressos internacionaes de scientistas, é a formação do commercio intellectual entre homens que, entregues aos mesmos trabalhos e pesquisas, travam entre si conhecimento nessas reuniões, e, pelo que pôdem ver e estudar, ficam habilitados para em sua patria, embóra incidentemente, no terreno da politica, desfazer preconceitos e dissipar mal entendidos, collaborando assim na grande obra da pacificação dos espiritos e da amizade entre as nações. Nenhuma fórma de propaganda official e tendenciosa vale essa, espontaneamente exercida por homens de valor, convencidos e alheios ás paixões politicas.

E' assim que, além do dever de cortezia no acolhimento feito aos nossos hospedes aqui congregados, entra por antecipação o reconhecimento do serviço indirecto que elles vão prestar á causa da confraternisação internacional americana.

Elles dirão, sem duvida, que viram uma bella terra, habitada por um bom povo, terra generosa e farta, povo laborioso e manso, como as colmeias em que sopra o mel. Não ha aqui quem alimente invejas contra os povos visinhos, porque tudo esperamos no futuro; nem odios, porque nada soffremos delles no passado. Um grande sentimento nos anima: o de progredir rapidamente sem quebra das nossas tradições de liberalismo e sem offensa dos direitos alheios.

Mas não é só o progresso, o desenvolvimento da cultura intellectual, da riqueza e do poder da nossa patria que desejamos; é tambem a crescente prosperidade de todos os povos do nosso continente. Mesmo quando o Brazil, vivendo sob outro regimen que o actual, era, na phrase do illustre general Mitre, uma verdadeira «democracia coroadada», e a differença de fórma de governo podia fazer crer em differenças de idéal politico, mesmo então, não foram menos amistosos os nossos sentimentos para com as Republicas limitrophes, e nunca nos deixámos dominar do espirito aggressivo, de expansão e de conquista que mui injustamente se nos téem querido attribuir. Hoje, como naquelle tempo, a nação brasileira só ambiciona engrandecer-se pelas obras fecundas da paz, com os seus proprios elementos, dentro das fronteiras em que se falla a lingua dos nossos maiores, e quer vir a ser forte entre visinhos grandes e fortes, por honra de todos nós e por segurança do nosso continente, que talvez outros possam vir a julgar menos bem occupado. E' indispensavel que, antes de meio seculo, quatro ou cinco, pelo menos, das maiores nações da America latina, por nobre emulação, cheguem, como a nossa grande irmã do norte, a cômpetir em recursos com os mais poderosos estados do mundo.

Srs. delegados estrangeiros, conhecendo e estudando de perto o Brazil, vós vos certificareis da verdade desse nosso empenho politico, ao mesmo tempo que de outras noções menos geraes, mas todas conducentes á affirmação dos nossos mais entranhados propósitos de concordia internacional.

Podereis observar facilmente que neste paiz se estuda, mas que a nossa curiosidade de saber ainda não teve a immodestia de se constituir em sciencia nacional. As sciencias, as lettras, as artes, toda a cultura do espirito entre nós é desnacionalisada, de sorte que nem mesmo nas chamadas «batalhas incruentas das idéas» entramos com tenção de conquista e avassallamento. Dareis certamente testemunho da nossa isen-

ção nesse particular. E quando, restituídos ás vossas cadeiras do magisterio, aos vossos laboratorios e gabinetes de trabalho, resumirdes as impressões desta jornada scientifica ao Rio de Janeiro, tenho fé que não encontrareis na memoria traço de brazilismo que não seja lhaneza de trato, cordialidade no agazalho devido a hospedes de tanta distincção, amor profundo da paz e ardente desejo de estreitar cada vez mais as nossas relações de amizade com todas as nações cultas, particularmente com as desta nossa America latina».

* *

Dois outros discursos se recommendam, superiormente, pela intenção de dar ao Congresso um caracter pratico, uma preocupação de largo e proveitoso descortino: o do sr. Carlos de Carvalho, 1º vice-presidente, e do sr. Alvarez, delegado do Chile.

Do primeiro, destacamos os seguintes períodos, em que se encontrará lançada a questão de um idioma vehicular, que o orador desenvolve em grande parte do seu discurso:

«As alterações que soffre a significação das palavras, a transferencia do sentido dos vocabulos são phenomeno da evolução das linguas e encerram problemas obscuros que adjudicam á semantica um logar na historia da psychologia. Na linguagem diplomatica observa-se o mesmo phenomeno: a conquista quer ser tomada no sentido do dominio eminente da civilisação».

Para o Congresso Scientifico Latino-Americano não pôdem ser indifferentes estes assumptos. Sua esphera de influencia moral e scientifica os abrange. Não podendo nem querendo pretender a representação de uma raça ou de uma sub-raça na produção scientifica, porque Portugal e a Hespanha não eram duas unidades ethnicas, mas varias amalgamações, heceterogeneas e componentes, e o sangue, o temperamento, o caracter a resultante de transfusões de varias procedencias, ao Congresso cabe na ordem scientifica e theorica afirmar aptidões e esforços, apresentar resultados que documentem sua emancipação espiritual, conclusões em favor das energias dos descendentes do colono iberico e do emigrante de variada origem que lograram ser assimilados pela America, ontra *officina gentium*.

Mas a satisfação desse dever encontra poderoso obstaculo que a politica de expansão commercial procura modificar, no seu interesse; para a propaganda nos mercados consumidores váe conseguindo apropriar-se das linguas portugueza e hespanhola, ainda que fazendo reverter-as á lingua *romance*. Das facturas e annuncios não conseguiram ellas ainda elevar-se e penetrar na camada intellectual; condemnada a produção scientifica latino-americana a ser desconhecida, ignorada e falseada, se não pede a uma lingua vehicular a decifração de seu pensamento, a divulgação problematica de sua capacidade scientifica, litteraria, politica e legislativa».

* *

O sr. Alvarez impoz um assumpto de real alcance e utilidade:

«A delegação chilena entende que actualmente ha dois problemas de capital importancia para nossos paizes, mercedores, por conseguinte, de uma detida meditação da parte deste Congresso Scientifico, ao qual os submeterá opportunamente: *A origem e o desenvolvimento do direito internacional americano*, isto é, de relações internacionaes proprias dos estados deste continente, e a *Possibilidade e utilidade de unificar a legislação civil dos estados latinos-americanos*».

XADREZ

O XADREZ EM S. PAULO

O movimento enxadrístico em São Paulo é intenso actualmente. Além do Club Internacional, onde se joga, ha tambem um *Club de Xadrez*, fundado em junho de 1902, por iniciativa do sr. F. C. Lichtenberger e que tem 80 socios.

Entre os seus socios, salientam-se, como jogadores eximios, os srs. prof. Paulo Tagliaferro, dr. Souza Campos Junior, dr. Mauricio Levy e dr. Francisco de Godoy. A sua directoria é actualmente assim composta: 1º presidente — dr. Mauricio Levy; 2º presidente — Victor Dreyer; thesoureiro — Carlos Henning; secretario — Arthur Lessa; 1º dirigente — Luiz Heinsfurter; 2º dirigente — Alexandre Haas. Nesse club, já se realisaram tres torneios, sendo vencedores, no 1º, prof. Paulo Tagliaferro e dr. Souza Campos Junior; no 2º, dr. Souza Campos Junior e Mauricio Levy; e no 3º, prof. Paulo Tagliaferro e dr. Mauricio Levy.

Em um torneio de eliminacção, em 1904, fôram vencedores o dr. João Monteiro e José Abate.

Em quatro jornaes de São Paulo, ha secções de xadrez: no *Diario Popular*, dirigida pelo dr. Mauricio Levy; na *Folha Nova*, pelo dr. Souza Campos Junior; no diario *Deutsche Zeitung* e na revista *Der Neu Hansfreund*.

Estas informações devemo-las á gentileza do sr. R. Lichtenberg, que é tambem um excellente jogador e um habilissimo problemista.

* *

O XADREZ NO RIO

Está reaberta aos socios do *Club dos Diarios* a magnifica sala de xadrez que este club ha muitos annos organisou.

Actualmente, ahi estão installados cinco esplendidos taboleiros, em torno dos quaes se reñem diariamente muitos dos nossos melhores enxadristas.

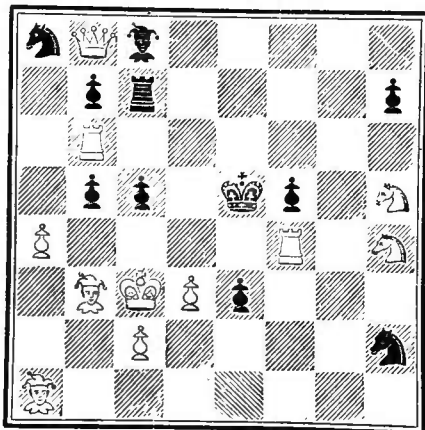
E' opportuna a occasião para que o *Club dos Diarios* organise um torneio entre amadores.

O *Club dos Politicos* adquiriu tambem ultimamente um magnifico xadrex Staunton, attentendo assim á sollicitação de muitos dos seus socios, que são amadores.

PROBLEMA N. 13

Mauricio Levy (S. Paulo)

PRETAS (11)



BRANCAS (11)

Mate em dois lances.

O difficil problema em dois lances, de hoje, é de um dos mais notaveis enxadristas de S. Paulo. Está publicado no *British Chess Magazine*.

PARTIDA N.º 13 (a)

RUY LOPEZ

Brancas Pretas

(Caldas Vianna) (Silvestre de Barros)

P 4 R — 1 — P 4 R

C 3 B R — 2 — C 3 B D
B 5 C D — 3 — P 3 T D
B 4 T — 4 — C 3 B
Roque — 5 — C X P
T 1 R — 6 — C 4 B D
C 3 B — 7 — B 2 R
C 5 D — 8 — Roque (b)
C X P R — 9 — C X B (c)
C X C — 10 — P D X C
C X B x — 11 — R 1 T
D 5 T R — 12 — B 3 R (d)
T X B (e) — 13 — P X T
C 6 C x — 14 — R 1 C
C X T — 15 — D X C
D 4 C R — 16 — C 4 B (e)
P 4 D — 17 — C 2 D
D X P x — 18 — D 2 B
D X D x — 19 — R X D
B 4 B — 20 — T 1 B D
T 1 R — 21 — C 3 B R
P 4 B D — 22 — P 3 T R
P 3 B R — 23 — T 1 R
T X T — 24 — C X T
B 5 R — 25 — P 4 C R
R 2 B — 26 — R 3 R
P 4 C D — 27 — C 3 D
B X C — 28 — P X B
R 3 R — 29 — P 3 C D
P 4 B R — 30 — R 4 B
P X P — 31 — P X P
P 4 T D — 32 — P 4 C D
P T X P — 33 — P T X P
P 5 D! — 34 — P C X P
P D X P — 35 — R 3 R
R 4 D — 36 — P 4 D
P 3 T — 37 — R 3 D
P 5 C D — 38 — R 2 B
P 3 C R — 39 — *abandonam.*

(a) Esta partida foi jogada no *Club dos Diarios* no dia 30 do mez passado. Por ella não se pôde aquilatar da força de nenhum dos jogadores, porque, infelizmente, em geral, os melhores enxadristas só empregam todos os seus recursos quando estão comprometidos em torneios, o que é uma razão de mais para tornar estas provas frequentes. Em todo o caso, é viva e animada, e o variante que as Br. adoptaram no 8º lance é pouco commum e interessante.

O Ruy Lopez é uma partida muito segura. Desenvolve muito rapidamente o jogo dos Br. e coage um pouco o dos Pr. E' muito usado em torneios. Caracterisa-se, como se sabe, pelo 3º lance dos Br. Data de 1490 e tira o seu nome de um bispo espanhol que o inventou, no reinado de Philippe II. A posição do B 5 C D pôde derivar de uma variante do Ginoco Piano, mas com uma perda de tempo. No Ruy Lopez, nesse terceiro lance, ameaça-se logo o P R a fazer os Pr. dobrarem em pião; está provado, porém, que é preferivel não tomar o P R e portanto deixar de tomar o C.

Se o B é atacado por P 3 T D, o B deve recuar, ao que os Pr. respondem com o melhor lance C 3 B R. Dahi por diante, as variantes se multiplicam.

Na partida que hoje damos, o 9º lance dos Pr. dá logo grande superioridade ao adversario; e o 12º completa o desastre.

(b) Se 8..., C X B; 9 — C X P, Roque; 10 — C X C, P D X C; 11 — C X B x, com bom ataque.

(c) C X C parece muito melhor.

(d) As Pr. deveriam ter jogado de preferencia o C 3 C e depois C 4 D.

(e) Decisivo e brilhante.

(f) O P de qualquer fórma está perdido; portanto, o C deveria ter sido jogado a 3 C.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 12 (*Tacito & Lipman*): 1 — P 8 D (f C.), R 4 R; 2 — B 3 B x, R 4 B; 3 — P 4 C R mate. (Se 2..., P 5 D; 3 — D 5 C mate). 1... R 4 B; D 3 T x; 2 — R 5 D; 3 — C 6 B mate. (Se 2... R 3 C; 3 — D 5 T mate).

JOSÉ GETULIO.